

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO: BACHARELADO EM JORNALISMO

Da Notícia à Sensibilização: Uma análise da Série “SOS Mulher” exibida pelos telejornais da
TV Clube, no ano de 2024.

Laura Beatriz Cruz Alves

Teresina – PI
2025

Laura Beatriz Cruz Alves

Da Notícia à Sensibilização: Uma análise da Série “SOS Mulher” exibida pelos telejornais da TV Clube, no ano de 2024.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí, como parte dos pré-requisitos para a aprovação na disciplina TCC 2, e para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª. Dra. Rosane Martins de Jesus

Teresina PI
2025

A474n Alves, Laura Beatriz Cruz.

Da notícia à sensibilização: uma análise da série SOS Mulher exibida pelos telejornais da TV Clube, no ano de 2024 / Laura Beatriz Cruz Alves. - 2025.

98 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Bacharelado em Jornalismo, Campus Poeta Torquato Neto, Teresina-PI, 2025.

"Orientadora: Profa. Dra. Rosane Martins de Jesus".

1. Série de reportagens. 2. Telejornalismo. 3. Violência de gênero. I. Jesus, Rosane Martins de. II. Título.

CDD 302.234

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecário) CRB-3ª/1188

Laura Beatriz Cruz Alves

Da Notícia à Sensibilização: Uma análise da Série “SOS Mulher” exibida pelos telejornais da TV Clube, no ano de 2024.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí, como parte dos pré-requisitos para a aprovação na disciplina TCC 2, e para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosane Martins de Jesus
Orientadora- Universidade Estadual do Piauí

Profa. Dra. Samária Araújo de Andrade
Examinador- Universidade Estadual do Piauí

Profa. Ma. Thamyres Sousa de Oliveira
Examinador- Universidade Estadual do Piauí

Dedico este trabalho a todas as mulheres que já se sentiram inferiorizadas por homens, e que sentiram também que jamais conseguiriam continuar.

A minha tia que hoje é sobrevivente e livre.

A minha família que sempre esteve ao meu lado nas quedas e nos recomeços também.
Aos meus avós maternos que não tiveram oportunidade de me verem escrever este trabalho,
mas que estão sempre comigo e fazem parte de quem eu sou.

E a Janaína Bezerra que infelizmente não conseguiu escrever o seu TCC, mas que tem seu nome ecoado em muitos deles.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada (pois tenho muito a agradecer!), queria agradecer a Deus por ter me feito chegar até aqui. Sempre soube que esse momento chegaria e me preparei muito para ele. Quando ingressei no Jornalismo pedia a Deus todos os dias para que ele me mostrasse que eu estava no caminho certo, e ele fez isso arduamente nesses 4 anos de graduação. Para mim, tudo isso é uma virada de chave, finalmente venho me entendendo como profissional e tenho orgulho de tudo que trilhei até aqui. Obrigada meu Deus por segurar minha mão.

Quero agradecer também a minha mãe, Janileide de Sousa Cruz que me criou desde bebê junto com a nossa família barulhenta e feliz, quando ela também estava aprendendo a crescer. Você me segurou no colo e ouviu todos os meus choros quando eu pensava em desistir, obrigada mãe, eu te amo. Agradeço aos meus avós José Pereira da Cruz e Maria Diva de Sousa Cruz por terem-me dado todo o apoio do mundo e me criarem com um coração bom e honesto, vocês vivem na minha lembrança e no meu coração.

Agradeço à minha orientadora Rosane Martins de Jesus por não desistir de mim e sempre insistir (e ela insiste mesmo!) que eu sou alguém dentro do Jornalismo e que eu tenho meu lugar nesse mundo. Obrigada por me mostrar que desde o começo eu era capaz de fazer tudo isso e muito mais, seu carinho e zelo desde o primeiro período me fizeram entender cedo que deveríamos seguir juntas até o fim deste caminho lindo.

Não poderia deixar de agradecer ao meu alicerce dentro desse longo caminho do bacharelado, minha panelinha, minhas amigas, minha força matinal. Deixo aqui minha gratidão a Ana Ilza Medeiros, Emanuella Dantas, Jéssica Dayane e Maria Geovana por terem segurado minha mão esse tempo todo. Com vocês aprendi a ter paciência, amadurecer, entender que tudo bem ter medo, tudo bem não saber o que fazer agora, estamos aprendendo juntas e crescendo também. Tenho orgulho de cada uma. Amo vocês.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao meu amor, João Carlos que esteve do meu lado me apoiando, segurando todos esses desafios comigo e me ajudando a superá-los. Obrigada por me fazer sentir que eu tenho capacidade e por torcer por mim como um ídolo. Com você, nunca me senti sozinha.

Obrigada!

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados da análise da série de reportagens, intitulada “SOS Mulher”, exibida pela TV Clube, afiliada Globo no Piauí, entre os dias 4 e 8 de março de 2024. Exibida, originalmente, no telejornal matutino “*Bom dia Piauí*”, a série exibe um conjunto de reportagens e entrevistas, com o intuito de informar e orientar o público sobre as consequências da violência contra mulher, e principalmente, alertar sobre o crime de feminicídio. A partir deste estudo, propomos uma reflexão sobre como o jornalismo atua nessas coberturas e seus impactos na vida das vítimas e familiares. Como fundamentação teórica para a construção desta pesquisa, utilizamos os seguintes autores: Jesus e Oliveira (2023); Pereira e Claro (2020); Coutinho (2021); Wolf (1987); Miguel e Biroli (2011); Alves (2009); Contato (2008) e Traquina (2005). Por conclusão, compreendemos que a série “SOS Mulher” se trata de um produto da Rede Clube que objetiva ajudar a população e as mulheres a combater a violência e o preconceito, porém existem algumas arestas, especialmente nas construções de sentido dessas reportagens que impactam na verdadeira intenção destes materiais audiovisuais.

Palavras-chave: Violência; Mulher; Telejornalismo; Feminicídio; Série de Reportagens.

ABSTRACT

This paper presents the results of the analysis of the series of reports entitled “SOS Mulher”, aired by TV Clube, a Globo affiliate in Piauí, between March 4 and 8, 2024. Originally aired on the morning news program “*Bom dia Piauí*”, the series features a series of reports and interviews, with the aim of informing and guiding the public about the consequences of violence against women, and especially to warn about the crime of femicide. Based on this study, we propose a reflection on how journalism acts in this coverage and its impact on the lives of victims and their families. We used the following authors as the theoretical basis for this research: Jesus and Oliveira (2023); Pereira and Claro (2020); Coutinho (2021); Wolf (1987); Miguel and Biroli (2011); Alves (2009); Contato (2008) and Traquina (2005). In conclusion, it is understood that SOS Mulher is a product of Rede Clube that aims to help the population and women to combat violence and prejudice, but there are some edges, especially in the constructions of meaning of these reports that impact on the true intention of these audiovisual materials.

Keywords: Violence; Women; Telejournalism; Femicide; Series of Reports.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Acesso da plataforma onde estão os materiais do mês de março.....	26
FIGURA 02 – Reportagens do dia 04/03/2024.....	27
FIGURA 03 – Apresentador abre chamada para série SOS Mulher.....	28
FIGURA 04 – Encenação mostra mulher sendo reprimida pelo companheiro.....	47
FIGURA 05 – Passagem de repórter faz referência de educação com ambiente escolar.....	47
FIGURA 06 – Passagem da repórter faz referência a quebra do ciclo da violência com bambolê.....	48
FIGURA 07 – Passagem representa vida da mulher que sofre violência como uma corrida de obstáculos.....	49
FIGURA 08 – Imagem de flor colorida compõe o encerramento da série SOS Mulher.....	50
FIGURA 9 – Encenação mostra mulher agora feliz e vaidosa.....	50

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Tempo de tela das entrevistadas do episódio 01 da série SOS Mulher.....	34
QUADRO 02 – Tempo de tela das entrevistadas do episódio 02 da série SOS Mulher.....	35
QUADRO 03 – Tempo de tela das entrevistadas do episódio 03 da série SOS Mulher.....	37
QUADRO 04 – Tempo de tela das entrevistadas do episódio 04 da série SOS Mulher.....	38
QUADRO 05 – Tempo de tela das entrevistadas do episódio 05 da série SOS Mulher.....	40

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Fontes entrevistadas, quantificadas em vítimas e não vítimas.....	30
GRÁFICO 02 – Relação de mulheres negras e não negras apresentadas na série.....	32
GRÁFICO 03 – Tempo de tela das entrevistadas do episódio 01 da série SOS Mulher.....	35
GRÁFICO 04 – Tempo de tela das entrevistadas do episódio 02 da série SOS Mulher.....	36
GRÁFICO 05 – Tempo de tela das entrevistadas do episódio 03 da série SOS Mulher.....	37
GRÁFICO 06 – Tempo de tela das entrevistadas do episódio 04 da série SOS Mulher.....	39
GRÁFICO 07 – Tempo de tela das entrevistadas do episódio 05 da série SOS Mulher.....	41
GRÁFICO 08 – Temas abordados dentro da série SOS Mulher.....	43

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1 Fundamentações teóricas	15
1.1 Feminicídio e as coberturas jornalísticas.....	15
1.2 O telejornalismo enquanto lugar de construção de sentido	21
2 Escolhas metodológicas.....	25
3 A série SOS Mulher edição 2024 em análise.....	28
3.1 As cenografias de apresentação da Série.....	28
3.2 Categorização da quantidade de fontes e vítimas mulheres	30
3.3 Mulheres negras e sua posição social na construção da reportagem.....	31
3.4 Tempo de tela enquanto vítimas e enquanto fontes	33
3.5 Temáticas abordadas dentro da série	42
3.6 Cenários utilizados para a gravação das passagens	46
3.7 Patrocínios da série	51
Considerações finais.....	53
Referências	55
APÊNDICES.....	58
Apêndice A.....	58
Apêndice B.....	66
Apêndice C.....	73
Apêndice D.....	81
Apêndice E.....	92

Introdução

A violência é tema recorrente no jornalismo cotidiano, principalmente nos telejornais e programas policiais. Todos os dias se tem notícias de pessoas que foram assassinadas, mortas, presas ou que sofreram algum tipo de violência. Segundo informações do 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024), em 2023, o país registrou cerca de 46.328 mortes violentas intencionais, representando cerca de 22,8 mortes violentas para cada 100 mil habitantes. Esse é sim um número que assusta, mesmo que se tenha registrado uma queda de 3,4% em relação a 2022.

Os dados retirados desta pesquisa estão categorizados no chamado índice de morte violenta intencional (MVI), e traz como referência os números de vítimas de crimes que vão desde latrocínio, roubo seguido de morte, lesão corporal, assassinato, morte com envolvimento policial, entre outros. Mas, um dado chama bastante atenção: o número de vítimas por feminicídio. Informações recentes do Laboratório de Estudo de Feminicídios (LESFEM) foram divulgadas no Monitor de Feminicídios no Brasil. Os dados mais recentes foram catalogados em agosto de 2024, e mostram que o país registrou (até agosto de 2024) 2.638 casos e tentativas de feminicídio. Deste número, 1.178 equivale aos feminicídios confirmados.

No âmbito do Piauí, os dados não deixam de nos causar espanto. O monitor apontou o número 65 para casos e tentativas de feminicídio. Destes, 33 são casos confirmados. Observando esses dados e entendendo a urgência de se falar cada vez mais sobre o assunto, o objeto de estudo para a construção da presente pesquisa é um conjunto de reportagens que possui como foco principal a abordagem de casos de violência e feminicídio, ou seja, quando uma mulher é assassinada apenas por ser mulher.

Pensando nisso, e trazendo para dentro do contexto regional, analisamos o fazer jornalístico aplicado na produção da série de reportagens exibidas pela emissora Rede Clube de Comunicação, afiliada do Grupo Globo, no período de 04 à 08 de março de 2024. Reportagens estas que integram a série “SOS Mulher”.

Essa é a segunda edição da série. A primeira foi exibida no ano de 2023, como parte dos produtos especiais, vinculados às comemorações do “Dia Internacional da Mulher”. Exibida, originalmente, no âmbito do telejornal matutino “*Bom dia Piauí*” apresentado por um jornalista do sexo masculino, a série exhibe um conjunto de reportagens e entrevistas, com o intuito de informar e orientar o público sobre os perigos e consequências da violência contra mulher, e principalmente, alertar sobre o crime de feminicídio.

Nesta pesquisa, tendo as reportagens da Série SOS Mulher como objeto de estudo, analisamos: 1) como essa Série mediou as informações sobre a violência contra a mulher; 2) como se dão às construções de sentido desses materiais, observando como elas colaboram para o debate social acerca da violência de gênero.

Neste espaço, ainda, questionamos o jornalismo como lugar de veiculação de informações em casos de feminicídio, levantando questões importantes, como por exemplo: a forma como a utilização de certos critérios de noticiabilidade expõem os casos de uma forma negativa, reforçando estereótipos e, até mesmo, descredibilizando as vítimas. Diante dessa perspectiva que aborda contextos tanto sociais, quanto culturais, informacionais e comunicacionais, levantamos questionamentos que servem de pilares para a construção da problemática desta pesquisa.

Para esse estudo, refletimos sobre o fazer jornalístico, perpassando os critérios de noticiabilidade usados e suas construções de sentido. Além desses aspectos, a análise levou em conta as intencionalidades, o caráter pedagógico e informativo. Apontando possíveis deficiências nas construções de sentido, assim como as qualidades e acertos na realização dessas coberturas¹. Contribuindo, desse modo, para a reflexão acerca das qualidades de um fazer jornalístico consciente e responsável, e também sobre as consequências, como o reforço de estereótipos e a descredibilização de alguns grupos sociais.

Após a realização desta análise, aplicamos alguns questionamentos que surgiram baseados nas temáticas exploradas nas reportagens. Questionamentos esses que abordam muitos contextos, desde familiar, social, pessoal, financeiro, racial, entre outros, os quais nos auxiliaram na conclusão e resultados. Como a mídia² pode abordar casos de feminicídio de forma mais sensível? Como o jornalismo pode apresentar as vítimas sem expor de forma sensacionalista? Como as mediações impactam na percepção do público sobre o assunto? Por que se deve ter cautela ao construir uma reportagem³ que envolva um caso de feminicídio? Qual o papel da mídia na mediação desses casos? Levando em conta o caráter social, judicial e informacional, como isso interfere na vida dos familiares e pessoas próximas da vítima?

Por fim, esclarecemos que este trabalho constituiu a sistematização de um estudo concluído, e o mesmo foi organizado da seguinte maneira: no capítulo 01, intitulado “Nossas fundamentações teóricas”, trazemos uma apresentação metódica sobre o assunto pesquisado,

¹ A “cobertura” trata-se de todo o processo de captura de informações realizada pela equipe, a apuração dos fatos para a feitura da notícia/reportagem.

² Conjunto de veículos de informação.

³ Material jornalístico, escrito ou falado, que pode ser transmitido em TVs, rádios, jornais ou portais, baseado em fatos e situações explicadas em palavras e em histórias vividas por pessoas.

como dados a nível nacional e estadual, explorando desde o significado da palavra “feminicídio” até a sua criminalização no ano de 2015. Além de enfatizar como é de suma importância que existam políticas públicas que ajudem a combater esse tipo de violência.

Em seguida, trazemos reflexões acerca de como o jornalismo atua com a pauta em suas coberturas, falando de modo geral sobre suas funções, sociais, pedagógicas, educativas, entre outros. Apresentamos ainda, de forma mais pessoal, como o telejornalismo constrói um sentido pedagógico e molda a percepção do público sobre determinado assunto. Seguindo nessa linha de raciocínio, através de nossos estudos também apresentamos nessa primeira parte o olhar e as definições de alguns autores estudados, como Marques de Melo, Coutinho, Mauro Wolf, e Nelson Traquina, agregando ainda mais um olhar aprofundado sobre as questões envolvidas na pesquisa. Por fim, este primeiro capítulo encerra trazendo questionamentos usando de exemplo casos onde o jornalismo falhou como meio de comunicação social e ética, reforçando a importância das reflexões apresentadas no início do capítulo sobre a empatia e a responsabilidade profissional, assim como a necessidade de construções de sentido que façam o jornalismo ser justo e inclusivo.

No segundo capítulo intitulado “Escolhas metodológicas”, apresentamos as informações coletadas antes da realização da nossa análise, sobre a série de reportagens “SOS Mulher”, nosso objeto de estudo. Dentre esse material, apresentamos, data de exibição, tempo, equipe responsável, o meio a qual tivemos acesso às reportagens, e outras informações complementares.

Já no capítulo 3 intitulado “A série SOS Mulher edição 2024 em análise”, apresentamos nossos dados coletados após o trabalho de análise do objeto de estudo: a série de cinco episódios SOS Mulher. Entre estas categorias levamos em consideração os seguintes eixos: 1) Categorização da quantidade de fontes e vítimas mulheres; 2) Quantas mulheres são negras e sua posição social na construção da reportagem; 3) Tempo de tela dessas mulheres enquanto vítimas e enquanto fontes; 4) Os cenários usados para a gravação das passagens; 5) Temáticas abordadas nos episódios; 6) Patrocínios da série. Neste capítulo, procuramos mostrar não apenas nossos dados coletados como uma amostra de resultados, mas sim através disso, trazer uma reflexão sobre como o telejornalismo pode dizer muito com seus materiais audiovisuais e a força que eles têm. Por isso, todos os elementos dessa construção devem ser bem contextualizados.

Por fim, encerramos este estudo com nossas “Considerações finais”, onde apontamos de uma forma mais resumida e imediata nossos resultados obtidos após a análise da série de reportagens especiais SOS Mulher do ano de 2024. Neste tópico final, deixamos nossas visões e entendimentos sobre o que consideramos da importância desses materiais e sua

necessidade dentro do jornalismo. Partindo do entendimento de que materiais produzidos para um público específico ou com um “objetivo” bem demarcado possuem uma função muito maior do que mediar informações: promover um novo olhar, promover mudanças.

1 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS

Neste primeiro capítulo, exploramos de forma detalhada questões importantes para contextualizar mais a frente nossa análise. No primeiro subtópico discorremos sobre alguns dados do número de violências catalogadas a níveis estaduais e nacionais, buscando assim mostrar os dados de nossa realidade sobre o tema violência e feminicídio. Neste, também perpassa a temática dos discursos em relação ao jornalismo de credibilidade e sua atuação no fazer jornalístico de materiais veiculados na mídia, onde trouxemos reflexão e embasamento em autores/jornalistas que possuem estudos sobre o tema explorado. Também apontamos alguns casos onde se fez necessário a intervenção negativa do jornalismo, onde mudou a trajetória do fato e prejudicou os envolvidos, servindo de discussão para um fazer jornalístico mais ético.

No segundo subtópico, apresentamos de forma resumida, porém detalhada sobre a trajetória do telejornalismo no nosso país, desde seu surgimento, evolução, construções e como todas as fases foram importantes para o jornalismo chegar aos dias atuais. Deixamos também como encerramento uma pequena reflexão sobre a imparcialidade e a objetividade dentro da comunicação, entendendo sua necessidade nas construções de materiais midiáticos.

1.1 Feminicídio e as coberturas jornalísticas

Segundo dados retirados do levantamento realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), no ano de 2023, foram registradas no total 1.463 vítimas de feminicídio em todo o país. Isso mostrou um crescimento de 1,4% comparado ao ano de 2022, sendo esse, o maior número desde que a lei foi tipificada. O assassinato de mulheres apenas por serem quem são é algo presente em nossa sociedade há muitos séculos. Porém, apenas no ano de 2015, foi determinada e aprovada a lei 13.104/2015, responsável pela configuração do crime de feminicídio. Segundo esta Lei, toda e qualquer morte envolvendo mulheres que tenham tido suas vidas ceifadas apenas por uma questão de gênero, podem configurar crimes de feminicídio.

O termo em questão explora todos os casos envolvendo a morte de mulheres em posições de discriminação. Recentemente, a Câmara dos Deputados do Brasil, aprovou o Projeto de Lei 4266/23, do Senado, a qual promove o aumento da pena do crime de feminicídio, somado com quaisquer outras violações que possam agravar a pena, a relatora da PL é a deputada Gisela Simona (União-MT).

Trazendo essa realidade para o nosso ambiente, a série de reportagens SOS Mulher, mostrou, por várias vezes, dados que comprovam que existe ainda uma forte necessidade de mudanças. A reportagem do primeiro dia, 04/03, apontou dados da Secretaria de Segurança Pública do Piauí (SSP - PI), mostrando que no ano de 2023, o estado registrou cerca de 3.413 ocorrências de violência doméstica e 28 casos de feminicídio. Um número que assusta, pois apenas no primeiro semestre do ano de 2024, já foram registrados 21 casos.

Além de ser um crime que é, infelizmente, muito recorrente nos noticiários, o jornalismo como meio de comunicação possui um papel social muito importante: mediar o tema com responsabilidade. É de suma importância que tal fato seja abordado pela mídia como forma de chamar a atenção da população e principalmente das mulheres, para o ponto central desta questão: Saber identificar relações abusivas que possam resultar em agressões e, posteriormente, em um feminicídio. Além de possuir um papel social e pedagógico, que ajude na promoção de políticas públicas para mudar essa realidade que assola nosso país.

É preciso considerarmos também que o jornalismo é um lugar de representações, lugar esse que precisa ter cuidado ao construir suas narrativas, evitando a repetição de certos discursos dualistas que mantenham vivo os estereótipos e preconceitos, assim como uma possível segregação ou até mesmo menosprezo. Em seus estudos, Vizeu e Cerqueira (2018), destacam que o jornalismo possui uma função pedagógica, e que esta, quando bem intencionalizada, pode influenciar de forma direta em seu público.

Ao abordar um caso de feminicídio, é preciso que exista uma sensibilização, um preparo e todo cuidado necessário para que o produto em construção seja bem recebido pelo público alvo, e que a mensagem seja repassada da forma correta. Todas essas questões implicam na importância de uma análise voltada não apenas para um contexto informacional, mas também de caráter social, podendo emocionar, comover, ou até mesmo causar revolta.

Em seu artigo *“Violências contra a mulher em tela: Dramaturgia do telejornalismo e perspectiva de gênero como estratégias de desvelamento de desigualdades”* a autora Iluska Coutinho, conhecida nacionalmente por seus textos que confrontam coberturas e materiais jornalísticos sobre a temática de mulheres na mídia, faz uma reflexão baseado em seu estudo sobre as matérias exibidas no Jornal Nacional no primeiro semestre de 2021 que abordassem o tema em questão. Entendendo a necessidade de se produzirem mais materiais sobre o assunto, fazendo com que assim mantenhamos viva nossas conquistas como a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio, a autora reflete justamente sobre como a mediação de produtos telejornalísticos nesse viés podem exercitar a garantia dos direitos da mulher.

[...] considerando a necessidade de que conquistas importantes não caiam no esquecimento. É nessa perspectiva, que entendemos que a circulação de informações sobre a temática das violências contra a mulher em múltiplas telas e em vídeo é também uma forma importante de garantir o exercício de direitos humanos e sociais (Coutinho, 2021, p. 02).

Seguindo essa linha, Samária Andrade, Vitória Pilar e Maria Eduarda Cardoso (2024), refletem de forma direta sobre a representação do jornalismo em casos de feminicídio, alertando para outros possíveis arranjos alternativos que possam reformular esse fazer jornalístico muitas vezes agressivo, raso e repetitivo. As autoras reiteram sobre como a mídia possui esse papel de poder na nossa sociedade, onde os meios de comunicação moldam os interesses, percepções sociais e até mesmo o ponto de vista do público, podendo sensibilizar, e mobilizar contra a normalização do feminicídio, assim como pode também, na mesma proporção, perpetuar ideias preconceituosas e culpabilizar as vítimas.

Por seu papel fundamental na estrutura de poder na sociedade, os meios de comunicação hegemônicos têm relevância na moldagem das percepções sociais. Assim, a mídia tem capacidade de influenciar, tanto na sensibilização e mobilização contra a violência de gênero e o feminicídio, quanto na perpetuação de estereótipos e na culpabilização das vítimas (Andrade; Pilar; Cardoso, 2024, p. 180).

Ainda nesta mesma linha de raciocínio e pensando em um contexto pedagógico, Cordenonssi e Melo (2008), definem que o jornalismo, quando aplicado em situações sociais, e até mesmo de uma forma geral, possui uma finalidade de não apenas informar, mas de também auxiliar o público a ter um olhar mais crítico para o mundo ao seu redor, para a sua realidade, fazendo assim, com que o mesmo questione certos comportamentos e fatos explorados nesse meio comunicacional, podendo até mesmo reformular certos hábitos e assim, ajudar na mudança positiva. Nesta discussão, atentamos para como a representação de casos de feminicídio e violência doméstica podem moldar os pensamentos e concepções do público sobre a temática, tudo isso depende de vários fatores inseridos na realidade de cada caso, fatores esses que vão desde a apuração do caso, como o local, a história, as vivências e informações (Cordenonssi; Melo, 2008, p. 02).

Trazendo para dentro de um contexto realista e dentro da sociedade em que vivemos, infelizmente temos vários exemplos que nos mostram todas as vezes em que o jornalismo falhou como veículo de informação, e principalmente na sua função social de promover o

bem comum. Casos como o de Eloá Pimentel⁴, Daniela Perez⁵, Janaína Bezerra⁶, Fernanda Lages⁷ e muitos outros nos fazem questionar sobre os impactos negativos que a mídia pode causar na repercussão de casos de mulheres mortas pelo feminicídio. Seu impacto que vai desde a visão pública, a imagem da vítima, da família e claro, as marcas permanentes que isso carrega.

A intenção desta pesquisa não é transformar o jornalismo e suas coberturas em vilões, pelo contrário, aqui questionamos sobre seu poder de influência dentro da nossa sociedade, moldando nossas percepções e nos informando todos os dias sobre múltiplos assuntos, de diversas editorias, em diferentes meios de comunicação. E é dentro desse poder que os profissionais da área devem manter os olhos abertos, a eticidade é essencial, assim como uma sensibilidade e um olhar mais humano.

Em um acesso rápido pela ferramenta de pesquisa Google, temos acesso ao site Memórias Globo, a emissora foi responsável por fazer uma cobertura completa do caso de feminicídio de Eloá Pimentel, ocorrido no ano de 2008, sendo com certeza um dos maiores marcos na história do jornalismo, constatando obviamente, o que pode ocorrer caso o mesmo não siga um caminho ético e empático. Assim como ocorreu também com o órgão da polícia. No ano do crime, em 2008, a emissora se preparou constantemente para fazer uma cobertura completa do caso, mantendo sempre o telespectador informado 24 horas sobre o que ocorria, fazendo com que assim o público se mantivesse em frente à TV, aguardando a qualquer momento uma nova atualização.

Um conceito de Iluska Coutinho (2018) usado por Paula Cabrera Claro e Ariane Carla Pereira (2020), chamado de “dramaturgia do telejornalismo”, que se relaciona com a informação sendo repassada em formato de uma história, com personagens, enredo, tempo, lugar, cronologia entre outros. Recurso esse que foi muito utilizado nas mediações da emissora Globo durante toda a cobertura do caso da jovem Eloá Pimentel, assassinada pelo ex-companheiro Lindemberg Alves. As autoras ainda reforçam a importância da escolha de

⁴ Link para mais informações:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-eloa/noticia/caso-eloa.ghtml>

⁵ Link para mais informações:

<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/daniella-perez-assassinato-de-atriz-completa-32-anos-relembre-o-caso/>

⁶ Link para mais informações:

<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2024/11/26/quem-foi-janaina-bezerra-estudante-de-teresina-que-da-nome-a-sala-de-apoio-a-vitimas-de-violencia-de-genero-na-usp.ghtml>

⁷ Link para mais informações: <https://casosreaispodcast.com.br/podcasts/caso-fernanda-lages-misterio-no-piaui/>

fontes, de cenários, da seleção de perguntas, dos vt 's⁸, e como todos esses detalhes interferem e influenciam na construção do material telejornalístico.

Evidenciando a capacidade do (tele)jornalismo provocar emoções em seu público, podemos trazer outro conceito proposto por Coutinho: a dramaturgia do telejornalismo. A notícia não somente informa, como também gera comoção, indignação, afeição ou fúria em quem a recebe. Muitas vezes, o telespectador acompanha a narrativa dos fatos como uma espécie de novela (Pereira; Claro, 2020, p. 06).

Atentamos ainda para os critérios de noticiabilidade muito citados anteriormente, termo conhecido pelos estudos de Mauro Wolf, socialista, professor e ensaísta italiano, que tratava muito sobre a construção da comunicação em seus textos. Em sua obra *Teorias da Comunicação* (1985), o mesmo articula na segunda parte de sua obra sobre o termo, explicando como esses critérios moldam o fazer jornalístico das redações e das produções do mesmo. O autor explica sobre um conjunto de requisitos que é exigido dos comunicadores para que uma informação seja considerada notícia, e ao não entrar dentro desse padrão, a mesma é excluída ou descartada pelo canal de comunicação.

A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas - para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é «excluído», por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional (Wolf, Figueiredo, 1985, p. 190).

Tal questão é aplicada quando pensamos em como isso se arrastou por anos com a comunicação e segue presente até hoje. Por vários momentos observamos como as coberturas televisivas abordam certos assuntos, e como todo esse critério de noticiabilidade, aplicado aos valores-notícia, termo também utilizado por Mauro Wolf, ainda caracteriza o que é ou não notícia, e o que é ou não válido dentro daquele cenário. Vemos isso de diversas formas como na escolha de fontes, de cenário, de cores, de dados, e muito mais. Por que a maioria das fontes entrevistadas e ouvidas na cobertura do caso de Eloá Pimentel eram homens? Por que, por várias vezes, a mídia construiu a visão do caso trazendo o sequestrador como um homem apaixonado que estava apenas cometendo uma loucura por amor? Por que o caso estava sendo repercutido 24 horas pela emissora, transformando tal tragédia em uma novela de dramaturgia, promovendo apenas o canal e não a informação em si como forma de combater

⁸ Abreviação do termo “videoteipe”, produto imagético utilizado em programas de TV para complementar o assunto, acompanhado de imagem e som.

algum fim trágico? O que, infelizmente, acabou ocorrendo. São esses tipos de questionamentos que foram inseridos na análise da série de reportagens SOS Mulher mais à frente.

Questões como essas nos fizeram refletir sobre a importância de continuarmos trazendo tal assunto à tona, e vale ressaltar que as mulheres não devem ser mencionadas e/ou “lembradas” apenas no mês de março, ou maio. Mas sim, todos os dias, em vários veículos. O feminicídio não ocorre somente nesses meses, as mulheres não são assassinadas a céu aberto ou na frente de seus filhos apenas no mês em que possuem um dia para serem homenageadas. O feminicídio é presente em nossas vidas cotidianamente, às vezes escondido em um toque, em uma fala, em um gesto, em um grito. O telejornalismo com seu poder de mobilização deve continuar repercutindo e disseminando materiais como o SOS Mulher, para sempre nos lembrar que precisamos de mais movimentação, e de mais ação também.

Pensando em analisar como o jornalismo contribui para essa mudança, as autoras Rosane Martins e Thamyres de Oliveira (2023) escreveram um artigo baseado em análises da primeira edição da série de reportagens SOS Mulher, exibidas em 2023. Em seu texto, as autoras discorrem sobre a importância do tema “violência contra a mulher”, ser debatido e conversado na sociedade. As autoras, além de uma análise sucinta sobre os episódios exibidos, fazem reflexões acerca de como o jornalismo pode evoluir e mobilizar para uma mudança significativa neste problema social.

Então, falar apenas não basta. Seja por palavras, seja por imagens, seja pelo conjunto delas, no caso do jornalismo audiovisual, o falar precisa vir acompanhado de reflexões que contribuam para mudanças. Para tanto, as narrativas audiovisuais precisam ampliar as compreensões, ao passo que minimizam as instâncias de visões estereotipadas e limitantes, que reduzem o lugar de ocorrência desse tipo de violência (Jesus; Oliveira, p. 251 - 252).

Para concluir este primeiro raciocínio, nosso estudo encerra este tópico comentando sobre o que o telejornalismo pode fazer para mudar essa realidade. E como a série de reportagens pode melhorar em vários aspectos para que se torne uma “ferramenta de educação para o tema”. Seguindo essa linha de raciocínio, o texto reforça que toda essa mudança só será possível se evitarmos os estereótipos, e os discursos reducionistas, porém, ao tratarmos disso, dando visibilidade ao assunto, já temos um grande passo dado.

1.2 O telejornalismo enquanto lugar de construção de sentido

Historicamente falando, o telejornalismo brasileiro faz parte do cotidiano de milhares de casas pelo país há muitos anos. É importante ressaltar que com o tempo, esse veículo do jornalismo foi ganhando espaço no dia-a-dia de uma grande parte da população brasileira, sendo praticamente a ferramenta mais usada para fins informativos. Inaugurada há mais de 70 anos, a programação televisiva brasileira surgiu na década de 1950, com a pioneira TV Tupi, trazida ao país pelo jornalista, escritor, advogado e político brasileiro Assis Chateaubriand.

Em seu primeiro contato com o público, a televisão brasileira foi apresentada como um meio de comunicação disseminador de entretenimento. Neste pequeno início o veículo transmite programas de auditório, novelas, filmes, rodas de conversa, entre outros. Além de entreter, a televisão possuía um lugar novo, reciclado do veículo que tinha mais voz anos antes: o rádio. O jornalismo é uma das áreas da comunicação que sempre se revoluciona e se adapta às necessidades do mundo. Quando a televisão surgiu em meados dos anos 1950, ainda era um aparelho muito nichado, apenas famílias de classe alta possuíam acesso a ele.

Em sua programação, inicialmente a mesma se espelhava na programação norte-americana. Segundo dados retirados do artigo escrito pela autora Ana Carolina Felipe Contato (2015), a mesma em seu texto explica sobre o surgimento do telejornalismo em um contexto de mapeamento histórico, ainda no ano de 1950, a TV Tupi estreou seu primeiro telejornal, o *“Imagens do Dia”*, o qual contava com texto curtos e rápidos, com uma linguagem ainda muito forte vinda do rádio. Tal evolução comprova como os dispositivos de comunicação evoluem uns dos outros, mas sempre numa forma de expandir mais a disseminação das notícias. Apesar de ter sido o pioneiro, ainda na mesma década o *Imagens do Dia* pouco depois foi substituído pelo famoso *Repórter Esso*, sendo conhecido futuramente e até hoje como o jornal mais influente da época do surgimento do telejornalismo.

Para o período era algo inovador, apesar de ter sido comparado a um programa de rádio com imagens, o mesmo mudou o padrão e trazia figuras de diversos lugares do mundo, com notícias nacionais e internacionais, e o diferencial era o “ao vivo” transmitido todos os dias. Algum tempo depois com o surgimento do videoteipe, e de outras emissoras o telejornalismo continuou evoluindo e se parecendo cada vez mais com o que vemos hoje. Um grande marco que não se pode deixar de citar foi o grande período de censura que os meios de comunicação sofreram durante o regime militar ocorrido no Brasil entre os anos de 1964 e 1985.

Ainda em sua obra, a autora Ana Carolina Felipe Contato (2015) menciona como o jornalismo sofreu em manifestar seu trabalho por conta das políticas de censura da época, porém, um único jornal ainda se mantinha de pé, e possuía a coragem de ir contra as regras do país, o “*Jornal de Vanguarda*”. O mesmo era popular por trazer assuntos políticos e foi responsável por quebrar essa nuvem rígida que pairava sobre os telejornais, porém o mesmo foi tirado do ar rapidamente com o Ato Institucional nº 5, conhecido como AI-5. Na mesma época, um outro telejornal chamou atenção do público por ser diferente e ao mesmo tempo, instigante, O “*Pinga Fogo*”, transmitido pela TV Tupi trazia assuntos sobre política e ainda convidava todos os políticos da época para debaterem entre si e conversarem sobre a atual situação do país. Além de chamar a atenção do público por ser totalmente fora da curva, o mesmo ainda investiu em algo que se tornou um marco para o telejornal brasileiro: a participação do público nos programas.

Mais à frente, na década de 1960, a televisão começou a se popularizar pelo país, sendo mais acessível financeiramente, e conquistando a confiança dos brasileiros. A época também foi marcada pela inauguração da TV Globo, tendo a programação voltada para a população socioeconômica de nível mais baixo, veiculando apenas novelas, programas de auditórios e alguns filmes clássicos da época. O *Jornal Nacional*, líder de audiência até os dias de hoje, surgiu alguns anos depois, em 1969, sendo responsável por dar ao Brasil um novo formato de apresentação, sendo transmitido via satélite, o mesmo já atingia várias cidades do território nacional.

Viabilizado graças ao sistema de micro-ondas e a transmissão via satélite, o JN já nasceu em rede e foi visto ao vivo por São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. Apresentado por Hilton Gomes e Cid Moreira, o TJ atingia, desde o início, “aproximadamente 60 milhões de brasileiros” (Contato, p. 07).

Com o sucesso da audiência, a emissora cativou o público com sua inovação no fazer jornalístico, e nas construções de sentido, inserindo vt's, reportagens, notas cobertas, matérias completas e fazendo a harmonia entre texto e imagem, além de uma dupla de apresentação de excelência. Com isso, a concorrência começou a surgir. Em 1967 a TV Bandeirantes surgiu, e em 1972 a TV Tupi criou o telejornal *Rede Nacional de Notícias*, onde na mesma época tivemos também o jornal *Hora da Notícia* da TV Cultura. Apesar de ter surgido nos anos 50, a TV Record só estreou seu primeiro telejornal apenas em 1970, *O Dia D*. O Fantástico veio em seguida, no ano de 1973. E um dos últimos a ser veiculado, mas não deixando de ser líder de audiência, juntamente com TV Globo, o Sistema Brasileiro de Comunicação (SBT), surge em 1981.

Em 1988, com a nova Constituição e com o fim do Regime Militar no Brasil, o telejornalismo se reinventou como comunicador através das novas emissoras. O artigo 220, atestou que a “a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição”, ou seja, a livre expressão dos meios de comunicação teria retornado, e com isso, o jornalismo poderia evoluir mais e mais para o que conhecemos hoje.

Atualmente, no século XXI, o telejornalismo trabalha com uma veracidade de fatos, que transmitem não só notícias, mas um olhar técnico e até mesmo crítico sobre um determinado acontecimento. Nos estudos de comunicação muitas vezes estudamos a imparcialidade como uma arma do jornalismo, algo que até hoje questionamos se é realmente possível ser completamente imparcial e objetivo nas mediações. Quando relacionamos o telejornalismo enquanto lugar de construções de sentido, atentamos para essa questão. A mestra na pós graduação em TV digital Kellyanne Alves (2009), escreveu em seu artigo sobre as construções de sentido e a interatividade no telejornalismo. A autora reflete sobre a função do jornalismo enquanto mediador de uma realidade que é transmitida através dos olhos do repórter, mas que busca além de tudo, informar os telespectadores.

Mas diferente do tempo em que se acreditava na imparcialidade jornalística, a linguagem não pode ser mais compreendida como uma descrição dos fatos, porque implica em uma atitude onde o que enuncia – além de relatar os fatos da realidade objetiva - espera uma tomada de posição daquele que escuta, lê e/ou vê. Isso significa que a construção discursiva, neste caso específico, a telejornalística, inclui um olhar que está relacionado à experiência pessoal de quem constrói o discurso (campo da produção) assim como da audiência (campo da recepção), que vai receber o discurso (Alves, p. 03).

Dados da pesquisa realizada pelo sistema do site Kantar Ibope Media, nos mostram que em 2023, a televisão brasileira continuou sendo a preferida pelo público como meio para a coleta de informações. O estudo ainda mostrou números grandes: 99,2% dos brasileiros consumiram programação televisiva no ano de 2023, tempo esse que foi calculado em horas de consumo totalizadas em mais ou menos cinco horas e 14 minutos por dia.

Entendemos que o jornalismo é um campo dinâmico ao executar a construção de narrativas sobre o mundo real. Através dessas narrativas o telejornalismo constrói o que consumimos no nosso cotidiano, o que de certa forma molda como vemos as coisas, como absorvemos os fatos e os compreendemos. E isso ocorre desde a escolha de pautas até a construção do texto e da reportagem, na escolha de fontes, das imagens, dos sons, de palavras, e muito mais. Saber construir um bom material jornalístico não só faz do jornalista

um bom profissional, mas contribui para que toda essa construção seja essencial para a mediação da informação.

2 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

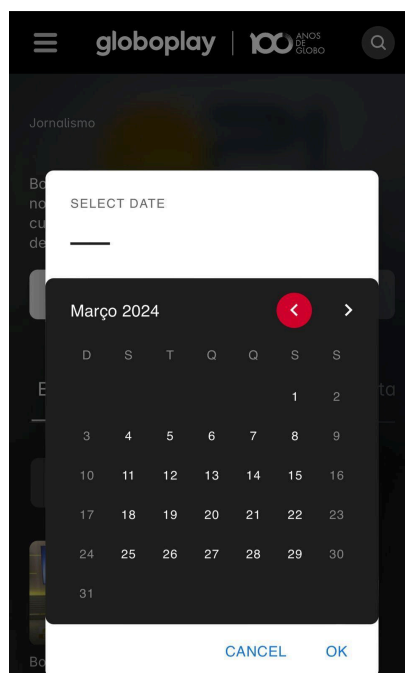
Nesta parte, abordamos nossos caminhos metodológicos, tendo como norte o nosso próprio caminho de coleta de dados, onde dialogamos também sobre o objeto de estudo. E, no terceiro capítulo, apresentamos de fato o início das análises dessas reportagens. No âmbito desta pesquisa optamos por não identificar nem os jornalistas envolvidos na construção da série e nem as fontes entrevistadas, embora os mesmos possam ser conhecidos através das reportagens por hora analisadas. Procuramos através desta medida preservar os participantes e focar de fato nos materiais utilizados para a realização deste estudo e em seus resultados obtidos.

A série é exibida durante a primeira semana do mês de março, antecedendo a data do dia 08 de maio, onde se comemora o Dia Internacional da Mulher. Além de produzir várias matérias⁹ especiais sobre a temática, a emissora piauiense exibe a Série telejornalística, intitulada “SOS Mulher”. A primeira edição da série ocorreu no ano de 2023. Nesta pesquisa, analisamos as reportagens vinculadas a segunda edição da série telejornalística exibida no ano de 2024.

A coleta das reportagens foi realizada através da plataforma digital de streaming de vídeos e áudios sob demanda da emissora Rede Globo, o site Globoplay. A plataforma em questão disponibiliza de forma gratuita os materiais jornalísticos exibidos nos canais abertos, possibilitando um acesso rápido pela ferramenta de pesquisa Google. Ao clicar no primeiro link que surge na pesquisa temos acesso a vários conteúdos disponibilizados pela plataforma. Pesquisando no ícone representado por uma lupa pelo nome “*Bom dia Piauí*”, foi possível encontrar várias edições de todos os anos do programa jornalístico apresentado pela emissora afiliada, a Rede Clube de Comunicação. Ao pesquisar no calendário o mês de março de 2024, temos acesso a todas as datas em que o jornal foi veiculado durante o mês (Figura 1).

FIGURA 01: ACESSO DA PLATAFORMA ONDE ESTÃO OS MATERIAIS DO MÊS DE MARÇO

⁹ Texto jornalístico veiculado em diferentes meios de comunicação.



Fonte: Globoplay.com

Clicando no dia quatro¹⁰ de março de 2024, data da primeira reportagem, a plataforma separa em vídeos de até nove minutos todos os cortes e reportagens exibidos na data em questão. Fazendo uma rápida procura na seleção dos vídeos, temos acesso ao primeiro episódio da segunda edição da série de reportagens “SOS Mulher”, nosso objeto de estudo (Figura 2). O processo segue igual nos outros dias da semana, cinco¹¹, seis¹², sete¹³ e oito¹⁴. Todas as reportagens estão disponíveis na plataforma Globoplay, de forma gratuita. Para a captura das mesmas e melhor visualização, utilizamos a gravação de tela de todas as reportagens, que foram armazenadas em uma pasta na galeria de fotos e posteriormente no Google Drive.

FIGURA 02: REPORTAGENS DO DIA 04/03/2024

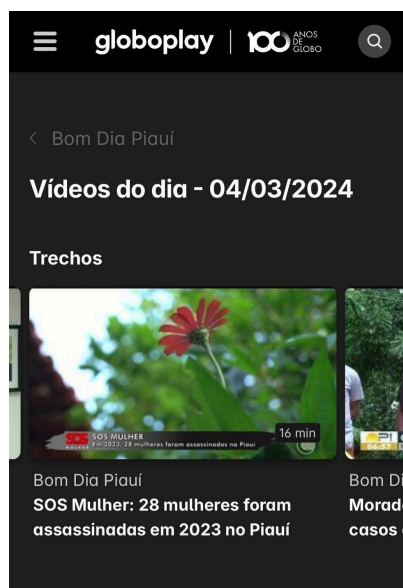
¹⁰ Reportagem 01: <https://globoplay.globo.com/v/12406090/>. Acesso em: 21 de mar. de 2025.

¹¹ Reportagem 02: <https://globoplay.globo.com/v/12409440/>. Acesso em: 21 de mar. de 2025.

¹² Reportagem 03: <https://globoplay.globo.com/v/12413279/>. Acesso em: 21 de mar. de 2025.

¹³ Reportagem 04: <https://globoplay.globo.com/v/12416048/>. Acesso em: 21 de mar. de 2025.

¹⁴ Reportagem 05: <https://globoplay.globo.com/v/12419670/>. Acesso em: 21 de mar. de 2025.



Fonte: Globoplay.com

Para a realização da análise destes materiais telejornalísticos fizemos uma categorização de certos elementos que foram possíveis observar durante a visualização das reportagens. Elementos esses que apresentamos a seguir através de gráficos e tabelas catalogadas pela autora e disponibilizadas nesta pesquisa. Vale ressaltar também que utilizamos como base estudos e teorias fundamentadas nos trabalhos de autores que produziram pesquisas sobre vertentes do assunto, como mulheres e o telejornalismo, a questão da violência de gênero, estudos sobre telejornalismo e as construções de sentido, teorias do jornalismo e sua dramaturgia, entre outros.

Para a estruturação da pesquisa de fato utilizamos como método a análise de materialidade visual (Coutinho, 2016 e 2018), conceito que estimula a aproximação de uma reflexão sobre um determinado material audiovisual de sua experiência de consumo, podendo apurar aspectos de um objeto audiovisual, como suas intenções, efeitos, dramatização, entre outros. Além disso, também levamos em consideração as questões de perspectiva de gênero (Pereira E Caleffi, 2020), e também a dramaturgia do telejornalismo (Coutinho, 2012).

3 A SÉRIE SOS MULHER, EDIÇÃO 2024, EM ANÁLISE

A seguir apresentamos nossos dados coletados após o trabalho de análise do objeto de estudo: a série de cinco episódios SOS Mulher. Entre estas categorias levamos em consideração os seguintes eixos: 1) Categorização da quantidade de fontes e vítimas mulheres; 2) Quantas mulheres são negras e sua posição social na construção da reportagem; 3) Tempo de tela dessas mulheres enquanto vítimas e enquanto fontes; 4) Os cenários usados para a gravação das passagens; 5) Temáticas abordadas nos episódios.; 6) Patrocínios da série.

3.1 As cenografias de apresentação da Série

A primeira reportagem da campanha, exibida em 04/03/2024, intitulada de “SOS Mulher: 28 mulheres foram assassinadas em 2023 no Piauí”, é anunciada pelo âncora do jornal *Bom dia Piauí* (figura 03). Em sua fala, o apresentador ressalta a importância de se falar do assunto e traz dados da Secretaria de Segurança Pública do Piauí. Esses dados comprovam um aumento considerável na taxa de mortalidade de mulheres em relação ao ano de 2022 e 2023. O jornalista, ao justificar o objetivo da série de reportagens, usa o termo “nós” ao se referir a emissora, fazendo com que o mesmo se inclua neste projeto, afirmando terem a missão não apenas de informar, mas sim de “mobilizar” os órgãos públicos para que seja possível uma mudança nesse cenário de violência, o que acarreta uma imagem positiva para a emissora, na promoção de um bem comum.

FIGURA 03: APRESENTADOR ABRE CHAMADA PARA SÉRIE SOS MULHER



Fonte: Globoplay.com

Falar sobre violência contra a mulher e principalmente sobre o feminicídio não é algo fácil. Infelizmente esta é uma realidade que nos assombra todos os dias nos noticiários de televisão, nas redes sociais, na mídia, ou até mesmo dentro de nossas próprias casas. Como a própria emissora afirma, o SOS Mulher tem como objetivo discutir, apoiar e buscar maneiras de ampliar a rede de proteção à mulher no Piauí.

A afiliada do Grupo Globo no estado do Piauí lança esta campanha com reportagens em todos os telejornais, vídeos institucionais na programação e um evento de prestação de serviços gratuitos de saúde e cidadania em uma praça pública na capital, conhecida popularmente como “Praça da Bandeira”. A emissora exhibe reportagens que tratam sobre a segurança, os direitos, a liberdade, o respeito, relações de poder e o empoderamento feminino.

O âncora responsável por apresentar o jornal “*Bom dia Piauí*”, telejornal matutino no qual a série é exibida originalmente, é um jornalista homem. Acreditamos na genialidade e respeito para com o direito de fala quando apontamos que o SOS Mulher neste ano em questão de 2024 trouxe apenas falas femininas durante todas as reportagens exibidas do dia 04 ao dia 08 de março, sem exceção. Mas quando pensamos que um comunicador homem permanece como apresentador de uma série como esta, e tratando-se desta temática, questionamos a escolha da equipe e uma falta de empatia para com a ação que visa atrair mulheres. Materiais audiovisuais possuem um poder de influência e de tocar nos sentimentos do público, quando abordado esta temática, é hora de dar voz às mulheres, para que gere uma identificação e um apreço por parte do telespectador.

Deixamos aqui um adendo: os outros programas transmitidos pela emissora Rede Clube de Comunicação, afiliada do Grupo Globo, permaneceram com seus respectivos apresentadores também. O âncora apresentou o *Bom Dia Piauí* usando a camisa tema da campanha, assim como o apresentador do *PITV 1* também seguiu com a apresentação do telejornal vestindo a respectiva camisa do SOS Mulher.

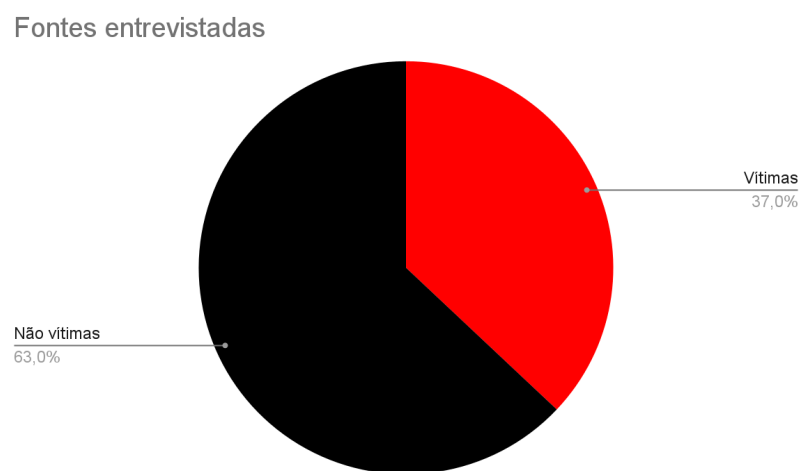
A única mudança foi com a jornalista e apresentadora do jornal noturno *PITV 2*, que apresentou o telejornal usando roupas formais como cotidianamente, sem usar a camisa da campanha, isso se deve, pois, a ação da praça só ocorreu durante o turno da manhã, onde são transmitidos, respectivamente, os jornais *Bom Dia Piauí* e *PITV 1*. Algo que foi explicado posteriormente pela equipe de produção e pelo diretor de jornalismo, é que neste ano a proposta do SOS Mulher era dar visibilidade para as mulheres repórteres irem às ruas, pois era um momento de ceder a voz às profissionais nesta data que simboliza o Dia Internacional da Mulher.

3.2 Categorização da quantidade de fontes e vítimas mulheres

Partindo para esta primeira discussão, entramos na categoria, onde coletamos as informações através da visualização direta das reportagens, sobre a quantidade de fontes e vítimas mulheres utilizadas na construção das reportagens. Nessa perspectiva apresentamos através do gráfico 01, a quantificação das entrevistadas nos cinco episódios da série. Aqui as fontes foram separadas em “Vítimas” e “Não vítimas”, obedecendo as posições as quais as entrevistadas foram colocadas dentro da construção dos materiais.

A apuração dos números nos apontou um total de vinte e sete fontes utilizadas na série, contando com as que não tiveram a identidade revelada. Desse número, dez mulheres foram entrevistadas em posição de vítimas de algum tipo de violência ou feminicídio, calculado em 37,0% e o número dezessete para entrevistadas em posições de psicólogas, agentes ou parentes das vítimas, ou seja, 63,0%, um número bem maior (Gráfico 1).

GRÁFICO 01: FONTES ENTREVISTADAS, QUANTIFICADAS EM VÍTIMAS E NÃO VÍTIMAS



Fonte: dados sistematizados pela autora (2025)

Nesta primeira observação é importante pontuarmos como somando todas as fontes das respectivas reportagens, a fala de fontes entendidas como “Não vítimas”, sendo policiais, psicólogas, secretarias estaduais de órgãos e instituições, foram priorizadas no lugar de

ouvirem vítimas que passaram pela situação e também merecem seu espaço neste momento. Vale ressaltar que na contagem das fontes foi levada em consideração a fala de mulheres que não quiseram se identificar por algum motivo de segurança de imagem.

Podemos ver isso diretamente na reportagem do terceiro dia, exibida no dia seis de março onde foi observado o uso de sete fontes para a entrevista, deste número apenas uma delas foi entrevistada na posição de vítima, as outras eram psicólogas, ou parentes. O número é algo que chama atenção, mais da metade das fontes são mulheres que trabalham diretamente com a questão de violência de gênero e feminicídio, mas que não necessariamente, no contexto em que foram inseridas dentro da reportagem, sofreram algum tipo de violação.

Isso deixa a entender que neste quesito a produção da série quis dar mais holofote a fala de mulheres que apresentaram dados, estatísticas, estudos e informações de caráter pedagógico, porém isso descredibiliza as mulheres que sentiram na pele as consequências de um relacionamento ou uma situação de abuso/violência e merecem seu devido espaço neste momento, de serem ouvidas, representadas e servirem de inspiração para tantas outras, como símbolo de superação.

A fala de mulheres em posições diferentes traz sim um sentido de empoderamento e a visão de que podemos estar em várias situações e que isso é algo a se entender. Dar preferência às mulheres com um nível de escolaridade e informação mais alto, fazendo com que seus depoimentos sejam a maioria em relação às vítimas, estas, vistas sempre como mulheres pobres, periféricas e de classe social mais baixa, só reforça um silenciamento que vemos todos os dias em várias esferas do jornalismo, infelizmente. Qual a justificativa para terem apenas dez fontes contextualizadas como vítimas e dezessete como não vítimas? O depoimento dessas mulheres é mais importante e necessário do que o das que sofreram censura por anos a fio e continuam, mesmo que indiretamente, sofrendo com isso? São questionamentos como esses que nos fazem mobilizar por um jornalismo mais igualitário.

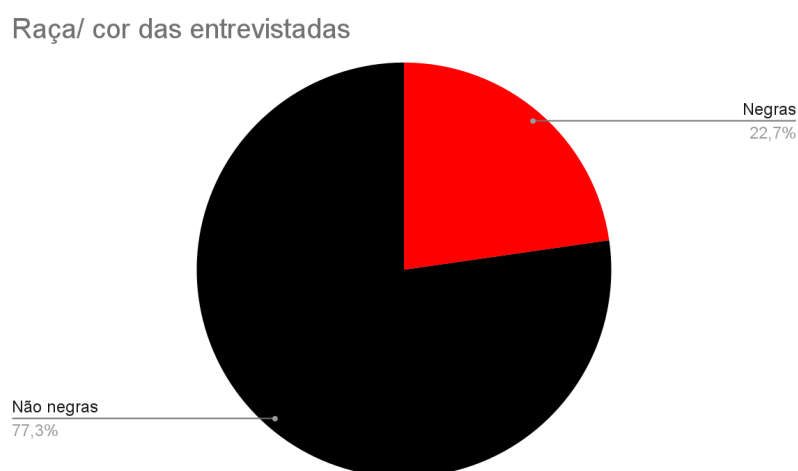
3.3 Mulheres negras e sua posição social na construção da reportagem

Seguindo esta mesma linha de pensamento, fizemos uma análise baseada também na quantidade de mulheres negras que apareceram nos materiais e sua posição social na construção das reportagens. No gráfico 02, vemos a quantidade de mulheres negras e como sua posição social influencia dentro da construção de sentido da reportagem, catalogamos essas mulheres em “Negras” e “Não negras”. Esta análise específica serviu para analisarmos

diretamente o reforço de estereótipos de cor e classe social que se perpetua em materiais telejornalísticos, o que é um grande problema.

Após a coleta dos resultados, observamos que de todas as mulheres entrevistadas nos cinco episódios da série SOS Mulher de 2024, somadas em vinte e duas fontes (sem contar com as mulheres que não se identificaram por questões pessoais e de segurança, visto que não foi possível identificar sua raça/cor de pele). Deste número, apenas cinco mulheres são negras, sendo apenas 22,7% do total, enquanto as outras fontes e maioria, totalizaram dezessete mulheres, ou seja, 77,3%.

GRÁFICO 02: RELAÇÃO DE MULHERES NEGRAS E NÃO NEGRAS
APRESENTADAS NA SÉRIE



Fonte: dados sistematizados pela autora (2025)

Aqui neste momento específico temos alguns pontos para levantar nossa discussão: O fato de a quantidade de mulheres negras como um todo na série ser muito inferior ao de mulheres não negras nos mostra uma realidade que precisa ser mudada. Outro ponto é que essas mulheres em maioria, ou seja, não negras, aparecem em grande parte como fontes oficiais e como não vítimas também, o que nos faz questionar: Por que essas mulheres aparecem em uma posição diferente da vítima? Sempre como psicólogas, delegadas, secretárias, enquanto vemos que as mulheres negras e economicamente fragilizadas permanecem sendo apontadas como vítimas e ignorantes?

É importante ressaltar aqui dados que também foram retirados durante a exibição desses materiais na série. Durante nosso estudo foi possível observar que uma atriz é utilizada em todas as cinco reportagens para representar visualmente algum relato ou situação que

esteja sendo retratada naquele momento, uma medida muito utilizada no telejornalismo para frisar e dramatizar o assunto. Porém, uma questão que levantamos é como isso foi inserido na série, a mulher em questão usada para a representação de situações de violência é uma mulher negra de cabelo crespo, o que isso representa dentro dessas reportagens quando pensamos em construções de sentido? Isso dá a entender para o público que é apenas essa parcela de mulheres que sofre com tais crimes, além de seguir a linha preconceituosa que vemos sendo perpetuada por anos.

Vale mencionar também a falta de voz por parte de mulheres vítimas de violência e foi possível observar isso bem nítido nas reportagens três e quatro, exibidas nos dias 06 e 07 de março do ano de exibição. Na reportagem do dia 06/03 só temos o relato de uma vítima, e a mesma preferiu seguir em anonimato, entendemos a necessidade de segurança e o cuidado com as fontes, porém nesse material específico tivemos a fala de sete mulheres no total e desse número seis delas eram psicólogas ou parentes, mas nenhuma foi diretamente apontada como vítimas dando seu depoimento. Esse espaço também precisa ser mais explorado na série, vemos por várias vezes como o material cede preferência a informar sobre o assunto abordando diversas temáticas, medidas para prevenção e cuidado com a violência de gênero, o que sim, entendemos a necessidade desse reforço de soluções, porém não vimos esse espaço sendo cedido para as vítimas que precisam falar sobre suas experiências, são mulheres que precisam ser ouvidas e terem suas vozes ecoadas.

Na reportagem do dia 07/03, o mesmo ocorre, sete fontes, apenas dois depoimentos de vítimas e o restante de fontes que alertam sobre os perigos da violência e do feminicídio. Por fim, encerrando esta categoria, trazemos mais um dado, porém da primeira reportagem exibida, a do dia 04/03. Um off afirma que 85% das 28 vítimas assassinadas em 2023 eram mulheres negras e pardas. O que eles estão querendo repassar com esse dado? Que o feminicídio é algo ligado a raça? Neste momento uma explicação seria essencial para que os telespectadores compreendessem essa realidade, e porque as mulheres dessa raça e cor sofrem em sua maioria com essa questão. São esses tipos de construções que necessitam de aprimoramento, evitando uma construção segregacionista e confusa.

3.4 Tempo de tela enquanto vítimas e enquanto fontes

Agora nesta terceira parte, catalogamos números que também devem ser levados em consideração: o tempo de tela dessas mulheres entrevistadas baseado nos números catalogados nos gráficos anteriores (Vítimas e Não Vítimas). Para a coleta desses números

realizamos a contagem de tempo da fala de cada uma das fontes entrevistadas nos cinco episódios da série, incluindo as mulheres que permaneceram anônimas, levando em consideração sua fala completa, desde o início até a última palavra dita, para que assim pudéssemos ter uma contagem correta e seguir com a análise. Os números referentes a essa contagem seguem nas tabelas e gráficos apresentados a seguir.

QUADRO 01: TEMPO DE TELA DAS ENTREVISTADAS DO EPISÓDIO 01 DA SÉRIE SOS MULHER

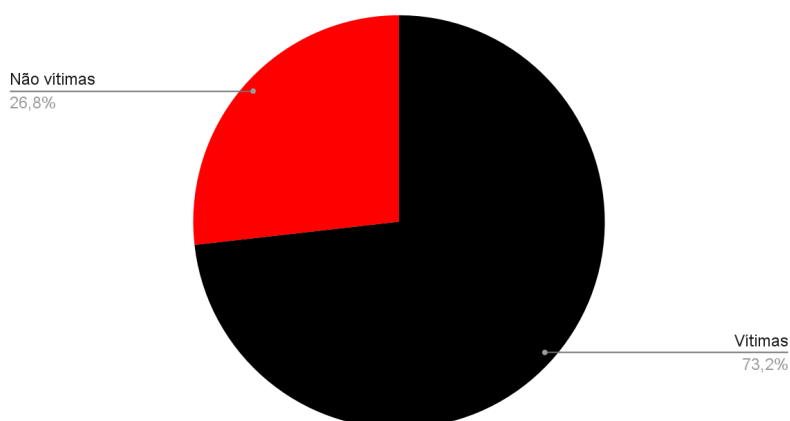
Vítima não quis se identificar	01:45 a 02:22 02:54 a 03:12 09:16 a 09:26	1min5s
Entrevistada 1 (Empresária/Vítima)	03:18 a 04:38 04:50 a 05:34 09:34 a 10:09	2min39s
Entrevistada 2 (Sec. de Políticas Públicas para Mulheres)	06:04 a 06:45 07:12 a 07:53	1min22s

Vítimas: 3min44s	Não: 1min22s
------------------	--------------

Fonte: dados sistematizados pela autora (2025)/ Episódio 1 - SOS Mulher: 28 mulheres foram assassinadas em 2023 no Piauí.

GRÁFICO 03: TEMPO DE TELA DAS ENTREVISTADAS DO EPISÓDIO 01 DA SÉRIE SOS MULHER

Tempo de Tela - Episódio 1



Fonte: dados sistematizados pela autora (2025)

Nesta primeira reportagem, intitulada de “SOS Mulher: 28 mulheres foram assassinadas em 2023 no Piauí”, contabilizada em 09 minutos e 10 segundos, contando com a fala de apenas três mulheres, uma delas uma vítima que não quis se identificar, podemos notar que o tempo de tela dessas mulheres entendidas no material como vítimas foi maior em relação ao das fontes oficiais, neste caso apenas uma: A secretária de Políticas Públicas para Mulheres. Neste estudo entendemos a importância das vozes para a construção da reportagem em si e o que ela busca transmitir. É de se esperar que as vítimas tenham mais espaço para expor suas vivências, preocupações e testemunhos, apesar de como foi observado no primeiro gráfico (gráfico 01), onde existe uma porcentagem de 37% de Vítimas para 67% de Não Vítimas entrevistadas na série como um todo. Ainda assim, introduzir com essa proposta nos mostra algo que seria esperado no decorrer das reportagens, mas isto infelizmente não ocorreu pois vemos a participação das vítimas sendo reduzida no decorrer dos episódios.

QUADRO 02: TEMPO DE TELA DAS ENTREVISTADAS DO EPISÓDIO 02 DA SÉRIE SOS MULHER

Vítima não quis se identificar	00:39 a 00:45 00:51 a 01:11 01:15 a 01:17 01:20 a 01:25 01:28 a 01:46 01:58 a 02:22	1min15s
Entrevistada 3 (Educadora Popular e Doutora em Educação)	03:03 a 03:53 05:30 a 05:59	1min22s

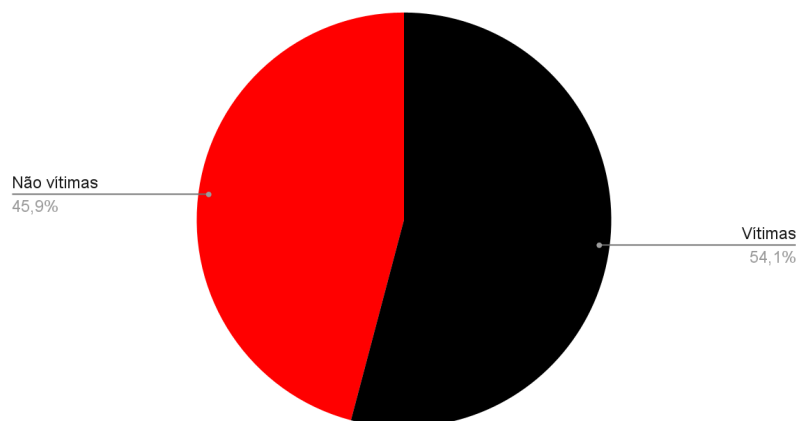
Entrevistada 4 (Doutora em História Social)	04:54 a 05:29	35s
Entrevistada 5 (Dona de casa/Vítima)	06:15 a 06:47 06:54 a 07:09 07:19 a 07:35	1min3s

Vítimas: 2min18s	Não: 1min57s
------------------	--------------

Fonte: dados sistematizados pela autora (2025)/ Episódio 2 - SOS Mulher: a cada duas horas e meia uma mulher é agredida.

GRÁFICO 04: TEMPO DE TELA DAS ENTREVISTADAS DO EPISÓDIO 02 DA SÉRIE SOS MULHER

Tempo de Tela - Episódio 2



Fonte: dados sistematizados pela autora (2025)

No segundo episódio, “SOS Mulher: a cada duas horas e meia uma mulher é agredida”, sendo contabilizada também como um dos menores episódios, a série também contabiliza como maior tempo de tela a fala das vítimas. Podemos observar que nestas primeiras reportagens temos a fala de mulheres fortes, mas que mereciam mais atenção e quem sabe espaço para mais vozes, neste episódio temos a fala de quatro mulheres, duas vítimas e duas educadoras para contextualizar o tema abordado. Será que não necessitavam de mais falas para se somarem a essas mulheres? Sendo que das duas fontes inseridas como vítimas, uma preferiu não se identificar. É algo a se questionar.

QUADRO 03: TEMPO DE TELA DAS ENTREVISTADAS DO EPISÓDIO 03 DA SÉRIE SOS MULHER

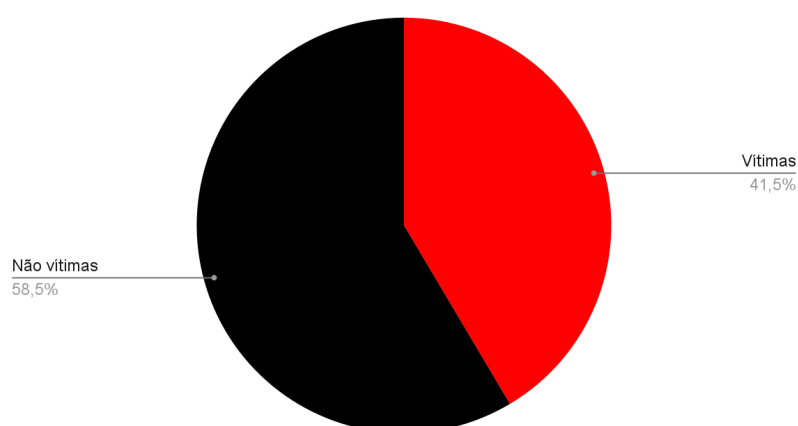
Entrevistada 6 (Amiga da vítima)	01:30 a 02:08	38s
Entrevistada 7 (Irmã da vítima)	02:31 a 03:05	34s
Entrevistada 8 (Irmã da vítima)	03:24 a 03:50	26s
Entrevistada 9 (Psicóloga do Centro de Referência da Mulher)	04:54 a 05:27	37s
Entrevistada 10 (Psicóloga)	05:49 a 06:42	53s
Entrevistada 11 (Advogada)	07:10 a 07:38	28s
Vítima não quis se identificar	08:04 a 08:45 08:53 a 09:49 10:17 a 11:13	2min33s

Vítima: 2min33s	Não: 3min36s
-----------------	--------------

Fonte: dados sistematizados pela autora (2025)/ Episódio 3 - SOS Mulher: o impacto da violência nos filhos da vítima.

GRÁFICO 05: TEMPO DE TELA DAS ENTREVISTADAS DO EPISÓDIO 03 DA SÉRIE SOS MULHER

Tempo de Tela - Episódio 3



Fonte: dados sistematizados pela autora (2025)

Esta reportagem em específico, juntamente com a 05, nos deixa muitos questionamentos e até mesmo algumas críticas sobre como se deu o processo de escolha e edição das entrevistadas. Esta terceira reportagem, com o título “SOS Mulher: o impacto da violência nos filhos da vítima”, trata de um assunto mais delicado ainda: o fato do trauma na vida das crianças após perderem suas mães, avós, tias, irmãs, entre outras familiares para o feminicídio. Apesar de ser uma das reportagens mais dolorosas, pois temos o relato de três parentes da vítima de feminicídio citada na reportagem, é um material que, infelizmente, não vemos uma pluralidade de vozes de mulheres que pudessem agregar neste sentido.

Neste episódio temos a fala de apenas uma vítima, que preferiu não mostrar o rosto por questão de segurança e o restante são testemunhas e fontes como secretárias, sociólogas, psicólogas e advogadas. Entendemos a necessidade de um direcionamento mais educativo, que busca informar e mostrar as consequências desse crime na vida de todos, porém, neste momento, a fala das vítimas e testemunhas é essencial para uma representação e até mesmo um ato de solidariedade do jornalismo em poder transmitir a luta dessas pessoas todos os dias. Neste episódio catalogamos que o tempo de tela de mulheres vistas como “Não Vítimas” é maior em relação ao de “Vítimas”, sendo respectivamente, 3 minutos 36 segundos (58,5%) e 2 minutos e 33 segundos (41,5%).

QUADRO 04: TEMPO DE TELA DAS ENTREVISTADAS DO EPISÓDIO 04 DA SÉRIE SOS MULHER

Entrevistada 12 (Advogada/vítima)	00:41 a 00:48 00:54 a 00:56 02:26 a 03:07 12:07 a 12:19	1min2s
Vítima não quis se identificar	01:06 a 01:11 01:40 a 01:50 05:49 a 05:59 09:20 a 09:44 10:01 a 10:06 11:53 a 12:06	1min7s
Entrevistada 13 (Sec da Mulher/vítima)	01:14 a 01:28 01:53 a 02:09 10:23 a 11:03 11:18 a 11:33 12:20 a 12:34	1min39s
Entrevistada 14 (Socióloga)	04:11 a 04:42	31s

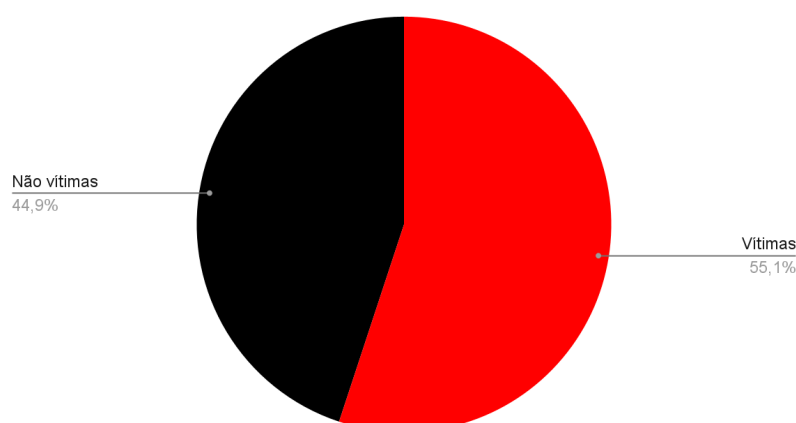
Entrevistada 15 (Advogada)	04:53 a 05:44 07:28 a 07:59	1min32s
Entrevistada 16 (Psicóloga Clínica)	06:00 a 06:31	31s
Entrevistada 17 (Coord. do Núcleo de Defesa Mulher)	08:25 a 08:48	23s
Entrevistada 18 (Coord. da Casa Abrigo)	09:04 a 09:13	9s

Vítima: 3min48s	Não: 3min6s
-----------------	-------------

Fonte: dados sistematizados pela autora (2025)/ Episódio 4 - SOS Mulher: violência acontece em todas as classes sociais.

GRÁFICO 06: TEMPO DE TELA DAS ENTREVISTADAS DO EPISÓDIO 04 DA SÉRIE SOS MULHER

Tempo de Tela - Episódio 4



Fonte: dados sistematizados pela autora (2025)

Esta quarta reportagem, sendo a maior da série inteira, calculada em 12 minutos e 5 segundos, trata de um assunto que depois levantamos uma pequena discussão feita dentro dos temas abordados, o qual discutimos mais a frente em outra categoria. Intitulada de “SOS Mulher: violência acontece em todas as classes sociais”, esta possui uma pluralidade muito bem explorada de vítimas e fontes, mesclando relatos e dados de forma informativa e ao mesmo tempo educativa.

Prometendo comprovar que a violência de gênero e feminicídio não ocorrem apenas com uma parcela de mulheres, geralmente negras, financeiramente instáveis e com um nível

de escolaridade inferior, algo que infelizmente é uma realidade que vemos cotidianamente na comunicação e no jornalismo, a série pela primeira vez nos traz um vasto leque de falas femininas que apontam suas situações sofridas na mão de ex-companheiros. Temos a fala de oito mulheres, deste número, 3 são vítimas, um número inferior a metade, importante pontuar, porém seu tempo de tela é superior às fontes, tendo um total de 3 minutos e 48 segundos de fala nas telas do jornal matutino *Bom dia Piauí*.

É válido ressaltar que poderíamos sim ter mais vozes, e neste sentido é a primeira vez que a reportagem traz uma advogada e uma secretária de algum núcleo do estado na posição de vítimas, algo que nos faz questionar o porquê isso ocorreu apenas na reportagem onde o título é justamente para quebrar esse estereótipo, mesmo ele sendo repercutido nos outros dias de várias formas intrínsecas. Nos deixa o entendimento que isso ocorreu mais como uma comprovação. Ao invés de entendermos isso sutilmente no decorrer dos episódios, este dado nos foi jogado ao rosto em uma reportagem de doze minutos.

QUADRO 05: TEMPO DE TELA DAS ENTREVISTADAS DO EPISÓDIO 05 DA SÉRIE SOS MULHER

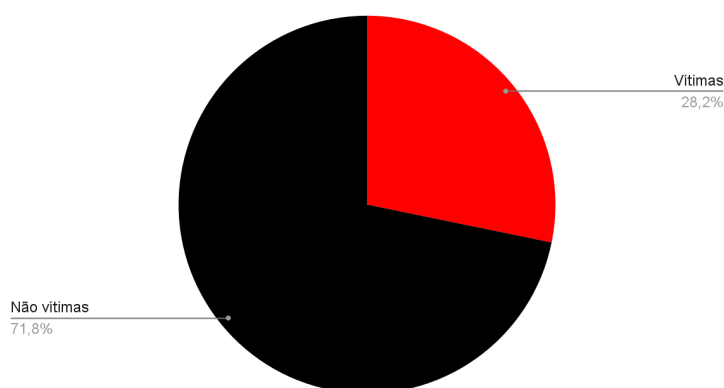
Entrevistada 19 (Assistente social/vítima)	01:57 a 02:11 06:44 a 07:06 08:35 a 08:45 09:00 a 09:11	57s
Entrevistada 20 (Delegada do DHPP)	04:37 a 05:28 05:36 a 05:45	1min
Entrevistada 21 (Coronel da Polícia Militar)	06:03 a 06:28 07:07 a 07:30	48s
Entrevistada 22 (Sec. Adj. da Comissão da Mulher OAB/PI)	07:57 a 08:34	37s

Vítima: 57s	Não: 2min25s
-------------	--------------

Fonte: dados sistematizados pela autora (2025)/ Episódio 5 - SOS Mulher: os caminhos para sair da violência.

GRÁFICO 07: TEMPO DE TELA DAS ENTREVISTADAS DO EPISÓDIO 05 DA SÉRIE SOS MULHER

Tempo de Tela - Episódio 5



Fonte: dados sistematizados pela autora (2025)

Como citado anteriormente na análise dos dados da terceira reportagem, esta reportagem também chama atenção pela falta de vozes mais representativas quando falamos de violência contra a mulher e feminicídio. A última reportagem, “SOS Mulher: os caminhos para sair da violência”, é mais curta e tem uma proposta diferente, encerrar a série mostrando relatos de mulheres que sobreviveram e conseguiram romper o ciclo da violência. Acredita-se que por ser o último episódio, exibido na sexta-feira, dia da ação realizada na Praça da Bandeira, como é conhecida na capital, ela é mais superficial e mais curta, para que as ações da praça sejam o foco principal do dia em questão.

Esta reportagem nos chama atenção por se tratar também de uma temática muito importante, porém só temos a fala de uma vítima e ela ter apenas 57 segundos de tela, em uma reportagem de 07 minutos e 55 segundos, é considerado um grande deslize. A vítima em questão (Entrevistada 19), que sofreu violência e tentativa de feminicídio nas mãos do ex marido, não teve direito nem a um minuto completo de aparição. Mais uma vez, dentro do contexto e da temática em que o episódio segue, era necessária uma visão mais ampla do assunto e era essa a hora de dar espaço a vítimas e mais mulheres que sofreram com isso e hoje podem ser ouvidas e representadas, mostrando sua liberdade em serem sobreviventes.

O telejornalismo é um lugar de representações, de verdade e principalmente de igualdade. Promover materiais como esse se faz necessário uma apuração e um olhar mais humano para uma questão simples de enxergar: a empatia. Traquina (2005) afirma em sua obra que a credibilidade de um jornalista se molda através de sua capacidade de verificar os fatos e da avaliação das suas fontes de informação, entendendo a exatidão da informação

como algo “vital” para este fazer jornalístico. Deixamos aqui uma dúvida em relação a essa priorização de algumas falas em relação a outras: Isso seria uma questão de falta ou necessidade de mulheres que se sintam confortáveis em falar sobre um período tão difícil em suas vidas, ou é mesmo uma escolha editorial da própria emissora?

3.5 Temáticas abordadas dentro da série

Seguindo com o desenvolvimento de nossa pesquisa, baseado na análise desta série, apresentamos o oitavo gráfico. Aqui contabilizamos através da decupagem dos episódios da série (Apêndices 1 ao 5), onde é possível visualizar todas as falas exibidas nos cinco episódios, do dia 04 a 08 de março de 2024, as temáticas abordadas nas reportagens. Durante nosso estudo observamos que cada episódio possui um tema específico dentro da realidade da violência de gênero e do feminicídio, porém, dentro dessas temáticas existem subtemas, que foram sendo citados no decorrer dos materiais, e é justamente baseado nisso que catalogamos as seguintes temáticas: Violência (Geral), Feminicídio, Filhos, Prevenção, Medidas de Segurança, Dados e Estatísticas, e por fim Minorias.

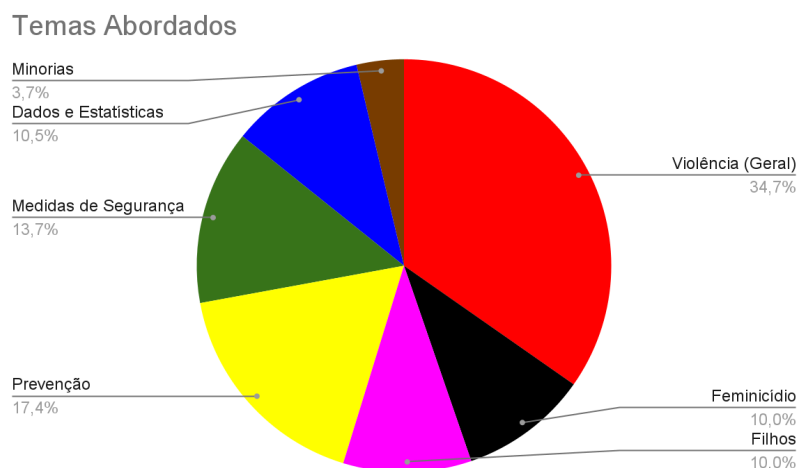
É de nosso conhecimento que a série SOS Mulher promete através dos materiais audiovisuais: “orientar as mulheres sobre os diversos tipos de violência que existem. [...] A ideia da campanha é também indicar caminhos para que essas mulheres possam pedir socorro e mostrar a rede de apoio que existe, fazendo assim a ponte entre o poder público e as mulheres vítimas de violência”, explicou o diretor de jornalismo da Rede Clube de Comunicação, em entrevista ao portal de notícias da emissora, o G1 Piauí.

Partindo desta linha de raciocínio entendemos que a série foi dividida em cinco episódios de até doze minutos onde cada uma possui uma temática específica, para que assim a série aborde todos os temas e subtemas desta interface, seguindo uma linha narrativa de começo, meio e fim.

Neste primeiro momento observamos que cada reportagem possui sua temática específica, mas que dentro dos diálogos, passagens, falas, depoimentos, dados, existem outras vertentes que devem sim ser exploradas mesmo que não seja necessariamente a temática do episódio em questão, partindo da noção que nem todo o público tem acesso à plataforma Globoplay e que não conseguem ter acesso a todos os episódios em ordem, então essa construção deve ser pensada naquele telespectador que acabou de ligar sua TV e precisa de informações claras e objetivas, o jornalismo deve ser fácil de compreender. Entendendo isso partimos para os dados de fato: neste início foi observado que o tema mais citado/abordado

foi o de violência, isso abordando todas as formas em que a violência pode se manifestar: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. O tema ocupou mais de um terço no gráfico, totalizando em 34,7% do total.

GRÁFICO 08: TEMAS ABORDADOS DENTRO DA SÉRIE SOS MULHER



Fonte: dados sistematizados pela autora (2025)

As temáticas abordadas na série SOS Mulher foram catalogadas na sua ordem de aparição em todos os episódios. A segunda abordagem temática que mais é mencionada é a questão da Prevenção, explorada de formas indiretas e diretas dentro da série, por exemplo, quando vemos os depoimentos onde uma vítima cita que utilizou o botão de pânico para se livrar de uma situação de violência, ou recorreu a uma instituição que atua com o atendimento e auxílio temporário para mulheres que correm risco de morte ou alguma violência. Esta foi citada trinta e três vezes em toda a série, calculado em 17,4%. Além da questão da prevenção a série ainda aborda o tema que se assemelha muito ao de Prevenção e que também merece seu espaço, ficando em terceiro lugar como um dos temas mais citados, as Medidas de Segurança foram abordadas vinte e seis vezes, ou seja, 13,7% segundo o gráfico acima.

Por várias vezes vemos como Medidas de Segurança são reforçadas durante a construção dos materiais, trazendo a fala de mulheres que atuam em núcleos de atendimento para mulheres como a Secretaria de Atendimento à Mulher, as delegacias, Núcleos de Proteção, casas de acolhimento como a Casa Abrigo, assim como a fala de policiais militares e delegadas, advogadas, psicólogas ligadas a esses órgãos que reforçam uma força existente

dentro da nossa realidade que estão dispostas a combater a violência e o feminicídio. Isto é algo que quando inserido no jornalismo possui um papel social de estimular e ensinar mulheres que estão passando por essa situação e ou até mesmo conhecem/presenciam isso, a terem a confiança em realizar a denúncia contra o agressor.

Existem outras três temáticas que foram abordadas quase que superficialmente quando dividimos em todos os episódios da série, mas que em suas reportagens onde este tema era o foco, a temática era bem mais elaborada e dividida. As abordagens envolvendo Filhos; Feminicídio; e Dados e Estatísticas, alcançaram a porcentagem de, respectivamente, 10%, 10% e 10,5%. Aparecendo quase que na mesma proporção, estes subtemas foram ligeiramente inseridos como uma complementação do material como um todo, deixando um entendimento de “fazer por fazer”. No terceiro episódio da série, exibido em 06/03/2024, intitulado de “SOS Mulher: o impacto da violência nos filhos da vítima”, é a única reportagem onde vemos um viés virado para os familiares e filhos de vítimas de violência ou feminicídio. Neste episódio a produção reuniu falas de profissionais mulheres que falaram sobre a importância de um suporte psicológico para a mãe e para os filhos, como psicólogas especialistas na área que falaram sobre as consequências - traumas, dificuldades no desenvolvimento social e cognitivo, queda no rendimento escolar, baixa autoestima, predisposição a ansiedade, depressão, medo, insegurança, procrastinação e outros distúrbios.

Também vemos uma amostra de dados falando sobre a Lei 14.713/23 que proíbe a guarda compartilhada de filhos onde foi constatado algum caso/ risco de violência doméstica ou familiar. Trazendo o sentido de um fazer jornalístico com um caráter social e pedagógico, observa-se que houve uma carência de complemento sobre onde estão as soluções para famílias onde a mãe/mulher não soube ou não conseguiu pedir ajuda, e ainda vive na mesma casa com o filho e o agressor. Onde podemos encontrar esse suporte para auxiliar essas vítimas? Era neste momento onde a reportagem devia investir nos temas de Prevenção e Medidas de Segurança, porém só foi observado falas de psicólogas e advogadas falando sobre os efeitos do feminicídio na vida dos filhos, e não vemos uma intervenção clara de como combater isso diretamente.

Por último existe ainda a temática que envolve as Minorias, mulheres pretas, pardas, financeiramente instáveis, baixo nível de escolaridade, com muitos filhos, de regiões interioranas; entre outras. Esta temática foi contabilizada como a menos mencionada em todos os cinco episódios e alguns pontos nos chamaram a atenção. Essas minorias, citadas apenas sete vezes nos cinco dias de exibição da série, ou seja, 3,7%, sempre eram inseridas como um grupo que mais é atingido pela violência e pelo feminicídio, além de que, por várias

vezes dados usando o grupo como exemplo são encaixados nas falas dos offs para contextualizar um dado, como na primeira reportagem exibida, a do dia 04/03. Um off afirma que 85% das 28 vítimas assassinadas em 2023 eram mulheres negras e pardas. Outro afirma que mulheres com nível de escolaridade mais baixo estão mais propícias a sofrer violência e não procurarem ajuda.

Assim, surge o questionamento de até onde esses dados são necessários e como eles podem ser melhor encaixados, já que, claramente, vemos um reforço de um estereótipo muito presente no jornalismo cotidiano. Outra questão é a falta de uma comprovação desses dados, além de uma justificativa de porque isso acontece, algo que deixa a desejar por muitas vezes nos diálogos das reportagens.

Para finalizar, um ponto que analisamos também é a escassez de materiais jornalísticos que utilizem uma abordagem mais ampla. Durante o material não vemos a inclusão de medidas de suporte para mulheres trans que foram vítimas de feminicídio, ou agredidas. Também não existe uma citação das mulheres da comunidade LGBTQIAPN+, como as mulheres lésbicas, bissexuais, pansexuais, entre outros. Isso acontece pois o tema ainda é muito nichado apenas em mulheres cis que sofrem violência doméstica ou são mortas por seus ex-companheiros. Sempre dentro deste padrão, de mulher, geralmente mãe, que é morta por um ex-marido ou ex-namorado, quando também vemos por várias vezes vítimas sendo mortas na rua por pessoas desconhecidas ou até mesmo por outros parentes.

A obra *“Caleidoscópio Convexo”*, escrita pelos pesquisadores Flávia Biroli e Luís Felipe Miguel (2011) explora com uma linguagem técnica, mas que conversa com o leitor sobre a posição das mulheres na mídia envolvendo os campos de gênero, política e mídia. Em uma fala sucinta sobre esta temática, os autores debatem sobre a recorrente presença das mulheres dentro de materiais jornalísticos ou na própria mídia, onde estão em sua maioria inseridas dentro de um contexto entendido como “feminino”, dona de casa, vítima, mãe, esposa, e quase nunca inseridas atuando em cargos nobres, algo que já ocorre naturalmente quando se trata dos homens.

Mas, dependendo de seu volume e feitio, pode, também, naturalizar a sub-representação e a presença marginal das mulheres, ao torná-las invisíveis ou restringir sua participação a espaços e temas que ativam compreensões convencionais de gênero, sobretudo das habilidades e vocações que seriam caracteristicamente “femininas” (Miguel; Biroli, p. 01).

Para encerrar esta discussão sobre as temáticas abordadas dentro da série SOS Mulher, deixamos este discurso onde refletimos sobre a participação das mulheres dentro dos

materiais jornalísticos, suas posições e relevâncias que variam de acordo com a pauta escolhida, outro ponto que devemos nos mobilizar para uma mudança significativa e mais ativa de mulheres na política, na saúde, na educação e na comunicação.

3.6 Cenários utilizados para a gravação das passagens

Partindo deste pensamento também é válido fazermos uma menção a alguns elementos visuais usados em momentos estratégicos na construção das reportagens que compõem a série SOS Mulher. Este fato implica em temáticas estudadas na disciplina de Telejornalismo, como os critérios de noticiabilidade aplicados, suas construções de sentido e como cada elemento é importante para que, visualmente, repasse uma mensagem.

Após o entendimento deste raciocínio apresentamos a seguir nas figuras 4, 5, 6, 7, 8, e 9; momentos em que a série quis passar uma mensagem definitiva utilizando da força do telejornalismo, incluindo cenas de uma atriz que compõe 90% das encenações apresentadas na série para compor um sentido maior a fala, assim como capturamos também passagens das repórteres que tiveram um grande peso e importância para a mediação desta temática.

Na imagem abaixo (figura 04), vemos a encenação de uma mulher sendo reprimida pelo seu companheiro enquanto lava louça, provavelmente sendo coagida a algo ou sendo humilhada por ele, neste exemplo vemos como a composição de imagens como essa servem de apoio visual para que o telespectador possa visualizar de uma forma mais crua as situações desumanas que essas vítimas sofreram. Observamos também que, como citado anteriormente, os episódios, por mais que tenham temas variados e podem ser visualizados sem ordem cronológica, ainda sim carregam um sentido de começo, meio e fim. A própria atriz aparece nos primeiros episódios sendo sempre colocada em situações de agressão, violência psicológica, humilhações; está sempre triste e é mostrada como uma mulher que precisa de ajuda. Já no último episódio, que foca nas medidas que ajudam a sair do ciclo da violência, a se livrar dos abusos, ela aparece em outra situação, livre e feliz (figura 9).

FIGURA 04: ENCENAÇÃO MOSTRA MULHER SENDO REPRIMIDA PELO COMPANHEIRO



Fonte: Globoplay.com

Algo a se mencionar também em relação aos elementos visuais utilizados na série é na escolha de locais para a realização das passagens das repórteres. Neste exemplo (figura 05), vemos a repórter da emissora em uma sala de aula, nesta cena a jornalista fala sobre a importância da educação no combate do machismo estrutural, algo que é enraizado na nossa sociedade. Neste momento ela escreve o termo no quadro e risca a palavra com um pincel vermelho. Aqui temos um exemplo claro de construção de sentido, onde vemos diretamente os elementos de uma escola que representa a educação dos cidadãos, juntamente com as informações da repórter, dando um reforço visual e enriquecimento da reportagem.

FIGURA 05: PASSAGEM DE REPÓRTER FAZ REFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO COM AMBIENTE ESCOLAR



Fonte: Globoplay.com

O mesmo ocorre nestas duas imagens a seguir (figura 06 e 07); onde observamos o quão essencial a passagem é dentro de uma reportagem telejornalística. Nestes dois exemplos vemos duas repórteres, surgindo respectivamente, em passagens diferentes falando sobre assuntos diversos, mas que dentro da localidade em que a filmagem se passa, e os elementos que complementam a imagem, trazem um sentido muito maior à cena.

Na primeira figura abaixo (figura 06); a primeira jornalista aparece em uma praça da capital de Teresina, onde a mesma fala em sua passagem sobre a importância de identificar relações abusivas e de saber “quebrar” o ciclo da violência. Ao usar o termo em destaque a repórter rompe o arco de brinquedo, o bambolê, que estava ao seu redor, simbolizando o mesmo que deve ocorrer com mulheres que passam por algum relacionamento abusivo e se veem presas, sem saber como saírem dessa situação. A série SOS Mulher como um todo constrói uma imagem visual muito bem estruturada em relação a sua intenção em atingir o telespectador.

FIGURA 06: PASSAGEM DE REPÓRTER FAZ REFERÊNCIA A QUEBRA DO CICLO DA VIOLÊNCIA COM BAMBOLE



Fonte: Globoplay.com

Em seguida vemos a segunda repórter (figura 07); fazendo uma aparição na última reportagem, exibida dia 08/03, o material em questão busca encerrar a série anual com uma mensagem de esperança e libertação. Neste cenário, a jornalista da Rede Clube surge em uma pista de corrida falando figurativamente sobre os caminhos que uma mulher deve correr para seguir com sua independência e alcançar a liberdade. A repórter em questão faz analogias em sua fala citando termos como “maratona”, “obstáculos” e “linha de chegada”; todos os

elementos que fazem parte de um processo de corrida, fazendo essa correlação com a luta da mulher pela liberdade.

FIGURA 07: PASSAGEM REPRESENTA VIDA DA MULHER QUE SOFRE VIOLÊNCIA COMO UMA CORRIDA DE OBSTÁCULOS



Fonte: Globoplay.com

Por fim, como já mencionado antes, a ideia da série em mostrar através de cinco episódios as consequências da violência contra a mulher em suas várias camadas, na vida dos filhos, as formas de pedir ajuda, dados e informações sobre os índices de violência e feminicídio no Piauí, e muitos outros subtemas. Seguindo uma linha editorial que busca um encerramento para esse produto com um caráter social e pedagógico, a série finaliza no quinto episódio mostrando a flor que antes estava em preto e branco e tendo suas pétalas arrancadas, agora brilhante, viva e com cores, assim como a mulher após ter sua vida de volta, livre de violência e ameaças (figura 08).

O mesmo vale para a atriz, citada no início deste estudo de elementos visuais. Antes, tendo aparição apenas para ilustrar cenas de agressão e conflito, a atriz surge (figura 09), agora feliz, livre e vaidosa, mostrando para o telespectador que a vida continua depois de todo o sofrimento vivido. Sendo um exemplo de superação para mulheres que se encontram perdidas e possuem medo de denunciar as agressões que sofrem. Encerrando aqui esta parte, deixamos a reflexão sobre o impacto que o jornalismo tem de mobilizar e mostrar uma realidade que é presente no nosso dia-a-dia, de forma crua ou até mesmo através de materiais especiais como o SOS Mulher.

FIGURA 08: IMAGEM DE FLOR COLORIDA COMPÕE O ENCERRAMENTO DA SÉRIE SOS MULHER



Fonte: Globoplay.com

FIGURA 09: ENCENAÇÃO MOSTRA MULHER AGORA FELIZ E VAIDOSA



Fonte: Globoplay.com

3.7 Patrocínios da série

Todo ano, desde sua primeira exibição, a emissora realiza uma ação no último dia da campanha. Essa mobilização acontece na Praça Marechal Deodoro Fonseca, conhecida pela população como Praça da Bandeira. Neste local, o evento atua com prestação de serviços gratuitos de saúde e cidadania, estão de prontidão órgãos de defesa da mulher que possam ajudar no registro de boletins de ocorrência, no registro de documentos, e serviços de saúde, além de orientação jurídica e social. O projeto da emissora também conta com atividades de lazer, música e muito mais. Aqui vamos apontar de forma discursiva alguns pontos que envolvem os parceiros e patrocinadores de marcas que ajudaram na promoção da série, assim como também atuaram de forma ativa no Dia D da campanha.

A ação foi realizada no dia 8 de março de 2024, das 06h00 até 13h00, na Praça Marechal Deodoro Fonseca. O SOS Mulher, como mencionado em outros momentos, tem como objetivo discutir, apoiar e buscar maneiras de ampliar a rede de proteção à mulher no Piauí. A afiliada Globo no estado lançou a campanha SOS Mulher, com reportagens em todos os telejornais e vídeos institucionais na programação, dos dias 04 a 08 de março a emissora exibiu reportagens que tratam sobre a segurança, os direitos, a liberdade, o respeito, relações de poder e o empoderamento feminino. Partindo deste pensamento, Nelson Traquina (2005) afirma que em uma “sociedade democrática”, o jornalismo possui certas funções sociais dentro da nossa sociedade, além de papéis bem definidos, o SOS Mulher é um exemplo vivo disso dentro do jornalismo.

Num processo circular entre os membros da “comunidade interpretativa” e a sociedade democrática, o jornalismo foi definido como preenchimento de certas funções na sociedade, ou, se preferirem, no cumprimento de papéis sociais precisos. A teoria democrática aponta claramente para os meios de comunicação o papel de “mercado de ideias” numa democracia, que as diversas opiniões da sociedade podem ser ouvidas e discutidas (Traquina, Nelson, p. 128).

Além disso, é de conhecimento que exista uma necessidade de suportes comerciais para a realização dos materiais e principalmente da ação realizada no local público. Ao fim de todas as reportagens, o apresentador do jornal aparece novamente direto dos estúdios do Jornal *Bom dia Piauí* chamando a repórter responsável pelas entrevistas, que segue conversando com alguém diretamente ligado aos órgãos parceiros do SOS Mulher. Este espaço comercial é necessário quando entendemos a necessidade de promover uma visão do

telespectador sobre a marca, mas de também convidar para o Dia D realizado pela emissora em parceria com os órgãos.

No último episódio veiculado da série, na sexta-feira, após fazer a abertura do programa, usando a camisa da campanha com a logo da série, o âncora do jornal *Bom Dia Piauí* realizou uma pequena chamada para as ações que estavam sendo realizadas no dia. Seguindo com sua apresentação, novamente a repórter, que está diretamente na praça, entra ao vivo no programa para falar sobre a importância da data. Em seu discurso, a comunicadora traz um depoimento forte, ela como mulher negra, transparece um sentido mais pessoal para a questão. A mesma discorre sobre os efeitos do feminicídio, como isso é uma falha da sociedade, e sobre como é importante que exista cada vez mais métodos de combate para tal crime.

Neste dia em específico a reportagem foi uma das menores da série, pois o foco do dia em questão eram as ações que estavam sendo realizadas na praça. Neste ano de 2024 a TV Clube contava com o patrocínio das marcas: Criar vidas, realizando a aferição de pressão arterial, teste de glicemia capilar, medidas antropométricas e auriculoterapia; Humana saúde, atuando com aferição de pressão arterial, teste de glicemia e atividades laborais; Instituto de identificação, emitindo carteira de identidade, primeira e segunda via e um stand da Organização Brasileira de Advogados do Piauí (OAB-PI), ajudando com orientação jurídica.

A Polícia Civil também estava presente e atuou com a orientação sobre procedimentos de proteção da mulher. A equipe do Serviço Social do Comércio no Piauí (SESC-PI) também ajudou com serviços de aferição de pressão, teste de glicemia, mamografia e citologia. E, por último, mas não menos importante a Secretaria de Estado das Mulheres (SEMPI), cederam os ônibus lilás com atendimento psicossocial.

Nesta edição em específico, os jornais da parte da manhã transmitidos pela emissora durante a realização das ações na praça, no caso, os jornais *Bom dia Piauí* e Piauí TV 1º Edição (*PITV 1*), fizeram entradas ao vivo das repórteres mostrando os serviços que estavam sendo ofertados neste dia, além de realizarem entrevistas com mulheres que estavam presentes para utilizarem dos serviços. Também incluíram a participação através de um “fala povo”, as repórteres entrevistaram ao vivo os próprios membros dos órgãos patrocinadores. Para finalizar a análise deste estudo também convidamos para uma reflexão sobre a importância desta ação realizada pelo grupo, pois como meio de comunicação e emissora de maior audiência no Piauí, a Rede Clube buscou e ainda busca auxiliar de uma forma mais direta na proteção e orientação das mulheres, algo nobre e que cumpre sua função social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo em que estamos inseridos hoje, nossa realidade muda drasticamente com muita facilidade, e de forma muito rápida. Isso se deve à constante globalização que vivemos cotidianamente, como as mídias sociais, a comunicação, televisão, rádio, celulares, estamos sempre em constante mudança. É de conhecimento geral que a comunicação e o jornalismo seguem acompanhando esta evolução no mundo inteiro, justamente por isso cada vez mais os meios de comunicação têm seguido essa linha virada para o público, impactando, mobilizando, informando e principalmente, fazendo enxergar uma realidade. Esta pesquisa buscou como objetivo específico mostrar através de resultados de uma análise de discurso, como o telejornalismo faz isso, a forma como ele trata de uma temática tão sensível como a violência contra a mulher e o feminicídio, o exercício de como isso é construído dentro de uma reportagem, qual o processo de criação desde a escolha de fontes, de lugares, passagens, personagens, dados, contextos e muito mais.

Como objeto de estudo desta análise para aplicarmos nossas questões, utilizamos um produto da emissora piauiense Rede Clube de Comunicação, afiliada do Grupo Globo no estado, a série anual “*SOS Mulher*”. Tal produto busca transmitir através de cinco episódios muitas vertentes sobre a temática, como casos, dados, medidas de proteção e segurança, depoimentos, orientações e muita informação complementar. Entendendo que a televisão brasileira faz parte da rotina de 90% do público (Kantar Ibope Media), é importante ressaltar que existe sim um impacto do jornalismo no pensamento e nas percepções que o público desenvolve sobre as temáticas abordadas. Partindo disso, obtivemos resultados a partir da análise do “*SOS Mulher*” sobre como eles buscaram atingir o público sobre esta temática, como buscaram informar, mobilizar para mudanças positivas e que busquem mais igualdade e respeito para com as mulheres, combater o feminicídio, qual visão foi construída dessas mulheres que deram seus depoimentos, como tudo isso foi construído através dessas reportagens exibidas do dia 04 a 08 de março de 2024.

Ao realizar esta pesquisa, também convidamos para uma reflexão sobre como uma representação superficial e apelativa pode trazer consequências para a imagem das vítimas, podendo favorecer o criminoso e dar uma visibilidade contraditória. O jornalismo como ferramenta de mediação deve, de forma ética e profissional, abordar assuntos com precisão e

responsabilidade, portanto, pautas¹⁵ que envolvem feminicídio devem seguir esse caminho, onde qualquer decisão interfere diretamente em como a mensagem será transmitida, e em como a mesma será recebida.

Entendendo isso, após a análise dos materiais audiovisuais percebeu-se que a série possui sim uma intenção com os telespectadores e isso é bem demarcado do início ao fim. Vemos também que existe sim o cumprimento do papel social como um todo, quando vemos a participação de órgãos de segurança do estado como policiais e advogados, assim como pessoas relacionadas a abrigos e casas de acolhimento, vemos também uma pluralidade de falas, todas femininas, o que nos mostra uma preocupação em dar voz a todas as realidades, algo muito importante. Porém não se pode deixar de citar que a série “*SOS Mulher*” carece de uma melhor estruturação em relação aos materiais exibidos, referindo-se às suas construções de sentido e as interpretações.

Durante nossos estudos vemos muitas deficiências em relação ao tempo de tela das vítimas, a priorização de falas de terceiros no lugar de mulheres que mereciam mais espaço na reportagem, assim como por muitas vezes os dados quando encaixados em determinados momentos soavam preconceituosos, reforçando estereótipos que infelizmente a sociedade já é habituada a proferir. Entendemos que a série é necessária pois no jornalismo não temos muitos materiais especiais virados apenas para temáticas mais necessárias como o “*SOS Mulher*” faz, então sim, sua atuação é necessária e precisa ser exaltada, porém a forma como isso é executado é que necessita de melhorias e quem sabe um olhar mais humanizado e ético.

O telejornalismo atua informando e ensinando o público sobre vários nichos e assuntos todos os dias, a todo momento, a forma como isso é repercutido precisa ser bem executada, pois o público repercute aquilo que vê e ouve, a comunicação impacta o mundo, assim como o mundo impacta na comunicação.

¹⁵ Conjunto de assuntos que serão apresentados em determinado programa, jornal, revista, rádio ou portal.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. **Projeto de lei que aumenta pena de feminicídio para até 40 anos vai a sanção.** Brasília: Agência Senado, 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2024/09/projeto-de-lei-que-aumenta-pena-de-feminicidio-para-ate-40-anos-vai-a-sancao#:~:text=A%20C%C3%A2mara%20dos%20Deputados%20aprovou,de%20outros%20crimes%20praticados%20contra>. Acesso em: 30 de out. de 2024.

ANDRADE, Samária; PILAR, Vitória; PIRES, Maria Eduarda. A representação do feminicídio de Janaína Bezerra em veículos convencionais e em arranjos alternativos de Teresina. In: TEIXEIRA, Juliana. et al. **Por um Jornalismo Digital mais inclusivo: Reflexões a partir de potencialidades, limitações e interseccionalidades.** Teresina, Piauí: Editora Luneta, 2024. p.180.

ALVES, Kellyanne Carvalho. **A Construção de Sentido e a Interatividade no Telejornalismo na TVDI.** São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009. p.03.

BUENO, Samira et al. **Feminicídios em 2023.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/244>. Acesso em: 30 de out. de 2024.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Lei do Feminicídio.** São Paulo: Câmara Municipal de São Paulo: 2024. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/mulheres/legislacao/lei-do-feminicidio/>. Acesso em: 07 de nov. de 2024.

CERQUEIRA, Laerte; VIZEU, Alfredo. Os saberes da Pedagogia da Autonomia no Telejornalismo. In: EMERIM, Cárlica; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro.** Florianópolis: Insular, 2018. p.37-58.

CONTATO, Ana Carolina Felipe. **O percurso da televisão e dos telejornais no Brasil: um mapeamento histórico.** SBPJor–Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Campo Grande, 2015. p.07.

CORDENONSSI, Ana Maria; MELO, José Marques. **Jornalismo Interpretativo: os formatos nas Revistas Época e Veja.** Universidade Metodista de São Paulo: São Paulo, 2008. p.02.

COUTINHO, Iluska. **Violências contra a mulher em tela: Dramaturgia do telejornalismo e perspectiva de gênero como estratégias de desvelamento de desigualdades.** Juiz de Fora: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021. p.02.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/253>. Acesso em: 30 de set. de 2024

G1 PIAUÍ. **No Piauí, cerca de 10 agressões contra mulheres foram registradas todos os dias em 2023.** Piauí: g1 Piauí, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/sos-mulher/noticia/2024/03/04/no-piaui-cerca-de-10-agressoes-contramulheres-foram-registradas-todos-os-dias-em-2023.ghtml>. Acesso em: 30 de out. de 2024.

G1 PIAUÍ. **SOS Mulher: Rede Clube promove campanha para ajudar a quebrar o ciclo da violência.** Piauí: g1 Piauí, 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/sos-mulher/noticia/2025/03/08/sos-mulher-rede-clube-promove-campanha-para-ajudar-a-quebrar-o-ciclo-da-violencia.ghtml>. Acesso em: 01 de abr. de 2025.

GLOBOPLAY. **Edição Especial SOS Mulher.** Piauí: Emissora Rede Clube de Comunicação, 2024. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 26 de nov. de 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Glossário de termos comuns no jornalismo.** Santa Catarina: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2011. Disponível em: <https://linkdigital.ifsc.edu.br/wp-content/blogs.dir/2/files/gloss%C3%A1rio-imprensa.pdf>. Acesso em: 11 de out. de 2024

JESUS, Rosane Martins de; OLIVEIRA, Thamyres Sousa de. “É preciso falar”: uma análise da série “SOS Mulher” exibida nos telejornais da TV Clube. In: PEREIRA, Ariane. et al. **Na TV e em outras telas.** Florianópolis, SC: Editora Insular, 2023. p.251-252.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Audiência TV PNT TOP 10.** Brasil, 2024. Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/tipo-dado/audiencia-tv-pnt-top-10/>. Acesso em: 02 de dez. de 2024.

LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE FEMINICÍDIO. **Monitor de Femicídios.** Paraná: Laboratório de Estudos de Femicídio, 2024. Disponível em: <https://sites.uel.br/lesfem/monitor-brasil/>. Acesso em: 30 de out. de 2024.

MEMÓRIA GLOBO. **Caso Eloá.** Rio de Janeiro: Coberturas Memória Globo, 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-eloa/noticia/caso-eloa.ghtml>. Acesso em: 04 de dez. de 2024.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Caleidoscópio convexo: mulheres, política e mídia.** Editora Unesp, 2011.

NEGÓCIOS SC. **Brasileiros veem mais de 5 horas de televisão por dia.** Santa Catarina, 2024. Disponível em: <https://www.negociossc.com.br/blog/brasileiros-veem-mais-de-5-horas-de-televisao-por-dia/>. Acesso em: 02 de dez. de 2024.

PEREIRA, Ariane Carla ; CLARO, Paula Cabrera . **Eloá e Tatiane: similitudes e distensões na cobertura jornalística da violência contra a mulher.** São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2020. p.06.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo.** Insular, 2005.

WOLF, Mauro; FIGUEIREDO, Maria Jorge Vilar de. **Teorias da comunicação**. Presença, 1987. p.190.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Decupagem do Episódio 1 da série SOS Mulher

Título: SOS Mulher: 28 mulheres foram assassinadas em 2023 no Piauí

Nº do episódio: 01

Tema: SOS Mulher: 28 Mulheres foram assassinadas em 2023 no Piauí

Duração: 09min10s

Data/hora de Transmissão: 04/03/2024 - 07:06

Imagens: Gustavo Cavalcante e Luís Gustavo Graça

Produção: Kamila Saraiva

Reportagem: Josiane Sousa

Edição de Texto: Lucy Brandão

Edição de Imagens: Arthur Martins

Entrevistados:

1. ENTREVISTADA 1 - EMPRESÁRIA
2. ENTREVISTADA 2 - SEC. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES

DECUPAGEM DA MATÉRIA

DESCRIÇÃO	TEXTO	IMAGENS
OFF: REPÓRTER 1	<p>Reviver a violência sofrida não é algo fácil.</p> <p>E não mostrar o rosto é uma forma de tentar se proteger do agressor, que no começo era um bom namorado, mas com o tempo revelou o lado violento”.</p>	<p>Jardim com foco em uma flor vermelha.</p> <p>Duas mãos entrelaçadas, um colo, uma mão de pele negra arrancando pétalas da flor que vai ficando preto e branco.</p>
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	<p>Era um conto de fadas, um homem maravilhoso, só que aí depois foi mostrando as garras. Pelo puxão de cabelo, pelos palavrões, colocando você para baixo. Não querendo que você usasse roupa, rasgava suas roupas. Ele me batia na frente das crianças, ele me ameaçava.</p>	<p>Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto. Imagem alterna para as mãos, colo e rosto da entrevistada. (Voz alterada por edição).</p>

	<p>Teve um dia que ele me socou um murro na minha boca que eu desmaiei. Ele dizia muito na frente dos meus filhos que ia cortar meu cabelo, que ia furar meus olhos, que ia me matar.</p>	
OFF: REPÓRTER 1	<p>O que esta mulher viveu continua sendo uma triste realidade para tantas outras</p> <p>. Do lado de fora, a relação parece perfeita, dentro de casa, um pesadelo para as vítimas.</p> <p>No ano passado, o Piauí registrou 3.413 ocorrências de violência doméstica. Uma média de 10 casos por dia.</p> <p>E esses são apenas os que são denunciados. A subnotificação é comum, e muitas mulheres demoram para procurar a polícia.</p>	<p>Mulher com as mãos entrelaçadas.</p> <p>Imagens de apoio de mulheres andando no centro de mãos dadas com seus maridos, uma atriz simula uma mulher chorando.</p> <p>Animação com o mapa do Brasil mostrando em vermelho a quantidade de casos de ocorrências de violência, o número 3.414 abrange a tela toda com fontes grandes e vermelhas.</p> <p>As imagens mostram mulheres em pontos de ônibus e no centro da cidade, sem mostrar os rostos.</p>
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	<p>Eu tinha muito medo de voltar para casa dos meus pais e dizer o motivo. Medo, eu não tinha rede de apoio, não sentia, assim, confortável pra dizer pra ninguém. E eu tinha na minha cabeça que ia melhorar, que eu ia melhorar aquela situação, entendeu?.</p>	<p>A imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, o fundo escuro, quase preto. (Voz alterada por edição).</p>
OFF: REPÓRTER 1	<p>Em muitos casos, a violência psicológica vem antes da</p>	<p>Simulação mostra mulher negra com medo do punho</p>

	física.	de um homem que aparece em primeiro plano.
SONORA: ENTREVISTADA 1 - EMPRESÁRIA	<p>A gente nunca percebe que aquilo ali já é uma situação de abuso. Quando você veste uma roupa e a pessoa pede pra você trocar, porque aquela roupa não condiz com você. Então esses sinais já apareciam desde o início do namoro. Ciúmes de amigos, ciúmes de família, ciúmes de trabalho, de situações de trabalho. Tudo isso aconteceu. Sabe quando a gente tá namorando, principalmente no início, você tá apaixonada, né, e você não enxerga dessa forma. Você acha que aquilo ali é prova de amor. Ah, é ciúme, mas vai passar, vai mudar. Se eu sorria muito, ele falava, fecha os dentes, pra que tá sorrindo tanto? São essas coisas que a gente vai ouvindo, que você vai mudando de comportamento. Que as pessoas, principalmente as mulheres, muitas vezes não percebem. Mas isso é uma violência. É invisível, porque não é físico. Então a violência psicológica é muito pior do que a violência física, porque você não sente na pele, você não vê, ela é invisível, mas você escuta. Muitas mulheres nem sabem, às vezes, do que é, quais são os tipos de violência. Muita gente não sabe que a violência psicológica é um tipo de violência que hoje está na cartilha da Lei Maria da Penha e que você pode denunciar da mesma forma</p>	Entrevista com Entrevistada 1.

	que uma violência física.	
OFF: REPÓRTER 1	Para esta mulher, romper o ciclo de agressões se tornou mais difícil, porque o então companheiro ameaçava se matar se ela saísse de casa. E não parava por aí.	A imagem foca nas mãos da Entrevistada 1, gesticulando e em seguida ela aparece falando com a entrevistadora, sentada no mesmo cenário.
SONORA: ENTREVISTADA 1 - EMPRESÁRIA	Depois de cinco anos, eu pedi a primeira vez, eu pedi o divórcio em 2013, ele não aceitou. E aí fui empurrando com a barriga, fui empurrando o casamento e só adoecendo. Aí fui ficando com depressão. Eu já tinha princípios de depressão, fui só aumentando. Ansiedade, síndrome do pânico, passei a ter crises na rua, esquecimento. Aí foi quando eu decidi realmente sair de casa com a cara e a coragem. Mesmo saindo de casa, a violência continuou ainda por quase dois anos ainda. Aí em 2020 veio a pandemia. Eu já não estava mais com ele, foi quando o nosso divórcio saiu. Em 2021, infelizmente, ele faleceu de Covid.	Entrevista com Entrevistada 1.
OFF: REPÓRTER 1	Falar sobre o assunto, é doloroso. Mas necessário para alertar outras vítimas sobre a importância urgente de denunciar e se afastar do agressor antes que seja tarde demais. Em 2023, 28 mulheres foram vítimas de feminicídio. Um crescimento de 16,67% em comparação a 2022. Realidade cruel que impactou principalmente a vida de mulheres negras e pardas.	Rosto censurado pela luz aparece falando, mulher negra faz um “X” na própria mão com um batom vermelho. Viatura soando o alarme e o número do crescimento de casos aparece grande e vermelho na tela: 16,67%. A porcentagem da raça de grande parte das vítimas aparece do mesmo modelo e ao fundo uma simulação

		mostra uma mulher negra chorando.
SONORA: ENTREVISTADA 2 - SEC. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES	Em torno de 70% dos municípios onde houve o feminicídio, não tinha organismo de política para as mulheres. Então isso quer dizer, onde a gente fortalece mais as políticas nos municípios, onde o poder público local se envolve, desenvolve as políticas, isso possibilita que a gente diminua o índice de violência nesses municípios. A gente não pode deter esse olhar mais amplo, porque outras políticas também não chegam a essas mulheres. Então elas se tornam muito mais vulneráveis pela própria vulnerabilidade e pela situação socioeconômica. Uma coisa está ligada à outra.	Entrevista com Entrevistada 2.
OFF: REPÓRTER 1	<p>O panorama da violência no Piauí chama a atenção para o dia da semana mais letal.</p> <p>É no domingo, que deveria ser um momento de descanso e lazer, que a maioria das mulheres é morta.</p> <p>Outro dado que chama a atenção, mais de 89% dos feminicídios foram registrados no interior do estado.</p> <p>A capital, Teresina, corresponde a 10,71% dos casos.</p>	<p>Simulação mostra mulher sendo violentada pelo marido.</p> <p>Calendário aparece dando foco no último dia da semana: domingo.</p> <p>Mapa do Brasil aparece, o número em vermelho 89% mostra a porcentagem de casos registrados no interior do Piauí, de fundo uma mulher sendo agredida.</p> <p>Imagens da ponte estaiada de Teresina, mostrando o número vermelho na tela: 10,71%, equivalente a quantidade de casos na capital.</p>

<p>SONORA: ENTREVISTADA 2 - SEC. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES</p>	<p>Em Teresina você tem todos os serviços, a rede funciona na sua plenitude. Aqui você tem um TJ, um Tribunal de Justiça, você tem o Ministério Público, a Defensoria Pública, você tem uma Secretaria Municipal das Mulheres em Teresina. Então assim, você tem os CRAs, os CREAs. Então assim, você tem várias instituições que compõem a rede, fortalecidas na capital. Quando você vai para os municípios, já não acontece isso. A gente tem que avançar muito na interiorização das políticas e dos equipamentos que fazem a proteção às mulheres, ou que façam o acolhimento às mulheres.</p>	<p>Entrevista com Entrevistada 2.</p>
<p>PASSAGEM: REPÓRTER 1</p>	<p>No relacionamento marcado por violência, a mulher vive um ciclo bem definido de tensões, agressões, e aquelas promessas de mudanças por parte do agressor. E assim ela parece não encontrar uma forma de se livrar. Mas é importante e necessário encontrar essa brecha.</p> <p>Romper o ciclo da violência para que ela não se torne mais uma vítima do feminicídio, que tem afetado principalmente mulheres de 26 a 39 anos de idade. Logo em seguida, aquelas de 24 e 37 anos são as mais assassinadas. E isso revela um cenário triste. Mulheres sendo mortas brutalmente no auge da sua juventude.</p>	<p>Repórter numa praça localizada no centro da cidade, gesticula e segura um bambolê em volta dela.</p> <p>Bambolê é partido. Quadro com dados sobre a idade das mulheres que são principais alvos da violência doméstica.</p>
<p>OFF: REPÓRTER 1</p>	<p>Valdirene, Marilena, Edileuza, não são apenas</p>	<p>Os nomes Valdirene, Marilena e Edileuza</p>

	<p>números.</p> <p>São vítimas da violência que precisa ser enfrentada.</p> <p>Quem ainda vive no ciclo da violência, que parece não ter fim, precisa dar o primeiro passo, pedir ajuda.</p> <p>Em 2023, mais de 7 mil boletins foram registrados nas delegacias da mulher.</p> <p>Um aumento de 20,47% em comparação a 2022. Para as vítimas, ter a coragem de denunciar não é uma decisão fácil. Mas é, sem dúvida, a melhor escolha.</p>	<p>aparecem escritos em letras grandes e vermelhas.</p> <p>Imagens borradas de mulheres machucadas e mortas, vídeos caseiros onde mulheres são espancadas e violentadas.</p> <p>A atriz da simulação faz o sinal vermelho para a violência doméstica.</p> <p>Foco para a placa do órgão “Flagrante de Gênero”, mulher atendendo o celular.</p> <p>Mulher sentada em parada de ônibus. Uma simulação mostra uma mulher sendo perseguida, mãos entrelaçadas.</p>
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	<p>Mas é, sem dúvida, a melhor escolha. É muito bom você se sentir livre, não ter aquela pessoa para estar lhe agredindo. Hoje em dia eu sou alegre, sou feliz.</p>	<p>Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto.</p> <p>Imagem alterna para as mãos, colo e rosto da entrevistada. (Voz alterada por edição).</p>
OFF: REPÓRTER 1	<p>Esse é só o primeiro passo para o início de um novo ciclo de violência. Uma jornada livre e feliz.</p>	<p>Imagem mostra jardim em preto e branco, que em seguida vai ganhando cores.</p>
SONORA: ENTREVISTADA 1 - EMPRESÁRIA	<p>Depois de muita terapia, de muitos tratamentos, eu faço acompanhamento psicológico ainda, minha filha também. Ainda tenho medicação para ansiedade. Porque essas marcas ainda continuam na gente. Não é algo que vai passar rápido. Mas hoje, realmente, eu</p>	<p>Entrevista com Entrevistada 1.</p>

	<p>tenho uma outra vida. Hoje eu estou muito mais forte.</p> <p>Hoje eu tenho um trabalho. Que me dá vontade de trabalhar todos os dias. Hoje eu tenho uma disposição para ir trabalhar.</p>	<p>Imagem mostra jardim em preto e branco, que vai ganhando cores.</p>
--	--	--

APÊNDICE B - Decupagem do Episódio 2 da série SOS Mulher

Título: SOS Mulher: a cada duas horas e meia uma mulher é agredida

Nº do episódio: 02

Tema: SOS Mulher: A cada duas horas e meia uma mulher é agredida

Duração: 07min18s

Data/hora de Transmissão: 05/03/2024 - 06:30

Imagens: Edson Lage, Gustavo Cavalcante e Jairo Silva

Produção: Ilanna Serena

Reportagem: Ângela Bispo

Edição de Texto: Vivianna Cruz

Edição de Imagens: Arthur Martins

Entrevistados:

1. ENTREVISTADA 3 - EDUCADORA POPULAR E DOUTORA EM EDUCAÇÃO
2. ENTREVISTADA 4 - DOUTORA EM HISTÓRIA SOCIAL
3. ENTREVISTADA 5 - DONA DE CASA

DECUPAGEM DA MATÉRIA

DESCRIÇÃO	TEXTO	IMAGENS
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	Ele me manipulava.	Mãos juntas com imagem embaçada.
OFF: REPÓRTER 2	A voz embargada ainda revela o medo.	Lábios falando, imagem embaçada. Palavra medo aparece em letras vermelhas.
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	Ele falava que ia raspar minha cabeça, que eu não ia ficar com ninguém, que ia mandar me matar. Ficava me ameaçando, que ia ficar me perseguindo, que não aceitava a separação, que eu tinha que ficar com ele, que ele ia mudar. E inclusive, no dia da separação ele veio chorando, dizendo que ia mudar. E quase que eu acredito, só que eu não acreditei.	Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto. (Voz alterada por edição).

OFF: REPÓRTER 2	O agressor maltratou.	Mãos juntas com imagem embaçada.
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	Só agressão, passei nove meses da minha gravidez apanhando dele.	Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto. (Voz alterada por edição).
OFF: REPÓRTER 2	Humilhou e iludiu.	Mãos juntas suadas cutucando unha.
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	Pedia para eu perdoar ele, eu perdoava. Eu acreditava no que ele falava pra mim.	Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto. (Voz alterada por edição).
OFF: REPÓRTER 2	Perseguiu e ainda ameaçou.	Simulação de mulher sendo perseguida e segurada pelo braço, imagens em preto e branco.
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	Dependia dele financeiramente, não estava trabalhando. E ele falava que eu ia passar fome, que eu ia viver na lama, que não ia me ajudar, que ia tomar a neném, porque eu não tinha condição de criar ela. E foi por vários motivos que eu não deixei logo, e nem contei para ninguém das agressões. Porque eu achava que eu era a culpada de tudo.	Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto. (Voz alterada por edição).
OFF: REPÓRTER 2	<p>Todo esse sofrimento durou mais de um ano, apesar de separada e sem contato com o ex-companheiro abusador.</p> <p>Ela ainda tem muitas feridas abertas desse relacionamento tóxico.</p>	<p>Mãos juntas com imagem embaçada.</p> <p>Atriz chorando em simulação.</p>
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	Uns dez meses que eu renovei a medida protetiva. Porque eu fiquei com medo. Porque eu via que a	Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto.

	<p>aproximação dele, quando ele viu que eu estou bem, que eu consegui me reerguer novamente, estou trabalhando. E aí eu vi que ele viu tudo isso, que eu consegui sozinha, que ele achava que eu não ia conseguir, foi que eu vi que ele queria se aproximar, e aí eu fiquei com medo. Porque ele sabe que é só a gente em casa de mulher.</p>	(Voz alterada por edição).
PASSAGEM: REPÓRTER 2	<p>E toda a violência contra a mulher é alimentada pelo machismo estrutural. Não é um termo que a gente escuta com muita frequência, mas que precisamos combatê-lo no nosso dia a dia. Além de criar e implementar medidas punitivas, é importante que haja uma transformação social.</p> <p>E isso só é possível através da educação.</p>	<p>Repórter 2 em uma sala de aula frente ao um quadro.</p> <p>Repórter 2 escreve a palavra “MACHISMO ESTRUTURAL” no quadro e faz um “X”.</p>
SONORA: ENTREVISTADA 3 - EDUCADORA POPULAR E DOUTORA EM EDUCAÇÃO	<p>Nós temos vários determinantes que condicionam as nossas relações. E um deles é o machismo, que hoje nós dizemos machismo estrutural por quê? Porque ele estrutura as nossas relações. Independente de ser a relação entre o casal, o homem e a mulher, ele vai estruturar as relações na sociedade. Por exemplo, ele estrutura as relações dentro da família, nas instituições escolares, nas igrejas e nas relações entre as pessoas, definindo o comportamento ou o papel que ambas as</p>	Entrevista com Entrevistada 3.

	<p>peessoas vão exercer na sociedade.</p> <p>E ele vai se estruturando na medida em que os homens passam a ter mais poder, diante das mulheres e as mulheres acabam nessa relação se submetendo a esse poder.</p>	<p>Outra entrevistada aparece ao lado de Entrevistada 3.</p>
IMAGENS DE APOIO		<p>Mulheres em manifestação, foto de uma faca suja de sangue, muro sujo de sangue, parece com marca de mão ensanguentada, sofá sujo de sangue, mulher com ferimentos com pontos nas pernas, vídeos de gravação feito por câmeras onde homens são vistos agredindo mulheres</p>
OFF: REPÓRTER 2	<p>Do panorama da violência contra a mulher no Estado, os feminicídios chocam a todos. São muitos os casos marcantes e que aterrorizam todas nós mulheres. Segundo a Secretaria Estadual de Segurança Pública, ano passado, em média, quase 285 casos de violência contra mulheres, foram registrados por mês. O que dá, mais ou menos, 71 casos por semana. Algo em torno de 10 deles por dia.</p> <p>O que revela que a cada duas horas e meia, uma mulher de qualquer classe social, cor, credo e idade, pode sofrer violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.</p>	<p>Vídeo onde homem atira em uma mulher em posto de gasolina. Pessoas lotando porta de escola, cenas de crimes, vídeos de câmeras flagram homens cometendo crimes contra mulheres.</p> <p>Imagens embaçadas de mulheres andando no centro da cidade e número de casos registrados por mês, 285, aparece grande e vermelho na tela.</p> <p>Número 71 grande e vermelho apresenta a quantidade de casos por semana. 10 casos por dia.</p> <p>Simulação mostra mulher tendo cabelos puxados. As palavras “classe social, cor, credo e idade” aparecem na tela, fontes grande e</p>

		vermelha.
SONORA: ENTREVISTADA 4 - DOUTORA EM HISTÓRIA SOCIAL	Nós estamos falando da sociedade do dono, o dono da casa, o dono da esposa, aquele que provê. Enfim, infelizmente as mentalidades do século XVIII e XIX chegam ao 21, ainda em práticas muito corriqueiras. E por consequente ela estrutura e ela mexe, por mais que a gente pense, e a Ana tem razão, quando a gente pensa que conseguimos avançar já os estudos e pesquisas, as denúncias, a comunicação, tudo isso tem sim evidenciado essas violências.	Entrevista com Entrevistada 4.
SONORA: ENTREVISTADA 3 - EDUCADORA POPULAR E DOUTORA EM EDUCAÇÃO	Então, na medida que as mulheres vão se organizando, que as mulheres vão se apropriando de um conhecimento, que isso também faz parte da evolução da sociedade, elas vão dizendo como deve ser a relação entre as pessoas, entre os homens e as mulheres. As mulheres estão muito mais presentes, por exemplo, na ciência, nas universidades, as mulheres estão muito mais escolarizadas hoje.	Entrevista com Entrevistada 3. A entrevistada 4 aparece ao lado.
OFF: REPÓRTER 2	Mudança de vida que a Maria Albertiza agarrou com todas as forças. Esta mulher ficou casada por 21 anos, vivendo momentos de tortura e submissão. Até que em pleno Réveillon, ela foi tomada por uma coragem	Mulher aparece sentada em um sofá, falando.

		libertadora.	
SONORA: ENTREVISTADA 5 - DONA DE CASA		Ele foi preso, que foi no dia 31 de dezembro de 2016. Que eu estava aqui só, de repente eu estava passando a roupa, quando ele chegou. Ele quebrou, foi tudo, tudo, tudo. Tentou me matar. Ele só não me matou por causa da vizinha aqui, com a marreta. Ele deu uma saída e voltou. E eu ali na porta, quando ele me puxou pelos cabelos, rolando ali naquele calçamento. Os vizinhos todos olhando, todos. Aí então, eu chamei o Ronda Cidadão, aí levaram ele.	Entrevista com Entrevistada 5.
OFF: REPÓRTER 2		Ela começou a trabalhar e até conheceu o verdadeiro amor. O amor próprio.	Imagem foca nos olhos da Entrevistada 5, sorrindo.
SONORA: ENTREVISTADA 5 - DONA DE CASA		Olha, eu acho que hoje eu vejo fotos minhas de uns 15 anos atrás, eu não me reconheço. Tipo, a aparência em si, em tudo. Em tudo, em tudo, em tudo. Tudo que eu vou fazer. Tudo ficou melhor, tudo nem se compara.	Entrevista com Entrevistada 5.
OFF: REPÓRTER 2		Com a autoestima recuperada, Albertiza voltou a amar. Hoje, ela vive um relacionamento leve e saudável.	Entrevistada 5 passando batom rosa. Entrevistada 5 aparece sorrindo enquanto fala.
SONORA: ENTREVISTADA 5 - DONA DE CASA		Eu conheci meu marido em 2018. Porque sempre há uma pessoa que realmente me respeite, que me trate com atenção, com carinho, com tudo. É só ter paciência. Arranjei um emprego, passei a trabalhar, arranjei uns	Entrevista com Entrevistada 5.

	patrões muito bons e pronto. A vida fluiu.	
--	---	--

APÊNDICE C - Decupagem do Episódio 3 da série SOS Mulher

Título: SOS Mulher: o impacto da violência nos filhos da vítima

Nº do episódio: 03

Tema: SOS Mulher: O impacto da violência nos filhos da vítima.

Duração: 10min36s

Data/hora de Transmissão: 06/03/2024 - 07:00

Imagens: Gustavo Cavalcante

Produção: Isabela Pimentel

Reportagem: Josiane Sousa

Edição de Texto: Mônica Santana

Edição de Imagens: Arthur Martins

Entrevistados:

- 1. ENTREVISTADA 6 - AMIGA DA VÍTIMA LORRANY THALIA
- 2. ENTREVISTADA 7 - PRIMA DA VÍTIMA LORRANY THALIA
- 3. ENTREVISTADA 8 - IRMÃ DA VÍTIMA LORRANY THALIA
- 4. ENTREVISTADA 9 - PSICÓLOGA DO CENTRO DE REFERÊNCIA DA MULHER
- 5. ENTREVISTADA 10 - PSICÓLOGA
- 6. ENTREVISTADA 11 - ADVOGADA

DECUPAGEM DA MATÉRIA

DESCRIÇÃO	TEXTO	IMAGENS
SONORA DE PARENTES E AMIGOS DA VÍTIMA	A Lorrany, ela amava se arrumar. De manhã, cedo, a Lorrany estava com seu lindo batonzão vermelho. Ela era intensa em tudo que ela fazia. Era contagiante a risada dela. Muita amiga. O sonho dela era se formar. Ela foi uma mãezona e tanto.	Imagens da vítima em preto e branco.
OFF: REPÓRTER 1	Sonhos interrompidos, alegria e amor pela vida que agora estão apenas na memória dos familiares e amigos.	Imagens da vítima em preto e branco.
SONORA: ENTREVISTADA 6 -	No dia do ocorrido, eu recebi uma mensagem dela.	Entrevista com Entrevistada 6.

AMIGA DA VÍTIMA	Nove horas da manhã, eu lembro, no Facebook. Eu vi a mensagem à noite, quando eu recebi várias mensagens no Facebook, informando do ocorrido. E eu não acreditei, porque eu tinha falado com ela um dia antes. Eu entrei na nossa conversa, e foi quando eu vi que tinha uma mensagem dela, falando oi, tá aí, preciso conversar uma coisa urgente com você. E eu não vi.	
OFF: REPÓRTER 1	<p>Não deu tempo. Lohane Thalia, de 21 anos, foi brutalmente assassinada a facadas, na frente da filha de apenas dois anos.</p> <p>O crime foi em 2019, dentro de um apartamento no residencial Torquato Neto, na Zona Sul da capital.</p>	<p>Imagens da vítima em preto e branco.</p> <p>Foto de uma matéria sobre o caso. Foto da hora do crime, em preto e branco.</p>
SONORA: ENTREVISTADA 7 - PRIMA DA VÍTIMA	<p>O maior erro mesmo da gente, tipo assim, a gente confiou muito. Eu mesmo fui uma que abri minha boca para dizer que ele não matava uma barata. Por conta do comportamento dele, que ele era muito gente boa com a gente, brincava, ele era muito brincalhão, tranquilo. Ele não era de se estressar em termos assim com a gente, por exemplo, estava acontecendo uma situação tensa, ele era aquele dali passivo. De boa, ele era muito passivo da história. Só que com ela.</p> <p>Com ela, ele sempre foi muito ciumento. Entre ele e ela, era o ciúme que</p>	Entrevista com Entrevistada 7.

	prevalecia.	
OFF: REPÓRTER 1	Despedaçada, sem chão e ainda sem acreditar que tinha perdido a irmã, a Célia teve uma difícil e dolorosa missão. Explicar para a filha do casal que Lohane tinha morrido e não voltaria mais.	Imagem de Entrevistada 8, irmã da vítima. As três entrevistadas mostram a camisa da saudade da vítima.
SONORA: ENTREVISTADA 8 - IRMÃ DA VÍTIMA	Foi complicado, porque era difícil para a gente, ainda mais para explicar para uma criança de dois aninhos. Mas em momento algum a gente mentiu para ela. A gente falou que a mãezinha dela tinha virado uma estrela, mas que a gente estava ali para dar o amor para ela. Chorava muito e chamava pela mãe, queria a mãe e chorava muito. Medo do escuro, medo de porta fechada. Ainda hoje, ela não gosta de porta fechada.	Entrevista com Entrevistada 8.
OFF: REPÓRTER 1	O feminicídio é o ato final do ciclo da violência doméstica. Muitas mulheres continuam em relacionamentos abusivos por medo, dependência emocional e financeira. Permanência que faz a mulher perder a vida em muitos casos. Impactando também em vidas que presenciam as cenas de violência. Os filhos.	Fotos de matérias sobre crimes de feminicídio. O nome “filhos” aparece grande na tela, em letras grandes.
PASSAGEM: REPÓRTER 1	Ainda que não recebam diretamente os tapas, os	Repórter 1 aparece em um parque, localizado em uma

	socos, os murros ou qualquer outro tipo de agressão, os filhos que presenciam a violência também são afetados. Podem desenvolver traumas difíceis de serem evitados. E o pior, correm o risco de naturalizarem essas atitudes e de se tornarem futuros agressores. E este é o ciclo que precisamos quebrar.	praça. Criança em primeiro plano aparece balançando em brinquedo.
OFF: REPÓRTER 1	<p>No Centro de Referência Esperança Garcia, a psicóloga diz que sempre fica atenta na hora de ouvir as mulheres.</p> <p>Para também encaminhar as crianças para atendimento socioemocional.</p>	<p>Entrada do Centro de Referência Esperança Garcia. Entrevistada 9 aparece falando, sem som.</p> <p>Bonecas infantis.</p>
SONORA: ENTREVISTADA 9 - PSICÓLOGA DO CENTRO DE REFERÊNCIA DA MULHER	Se essa criança apresenta alguma demanda psicológica específica e a partir do relato da mãe, a mãe diz isso para a gente, no primeiro atendimento psicossocial. Aí a gente, a depender do contexto também social dessa mulher, a gente diz, olha, tem a UBS do seu bairro, você é assídua lá no serviço, né? Então, assim, a depender disso, eu oriento essa mulher a marcar uma consulta para essa criança ou adolescente e de lá o médico da família ou a médica da família vai fazer esse encaminhamento para alguma instituição, como por exemplo o hospital infantil.	Entrevista com Entrevistada 9.
OFF: REPÓRTER 1	Transtornos que podem trazer consequências no	Crianças brincando em um parque, imagem embaçada.

	desenvolvimento social e cognitivo das crianças. Os traumas de uma infância marcada por violência no ambiente doméstico podem provocar queda no rendimento escolar, desencadear a baixa autoestima e até outros distúrbios.	Criança escrevendo na escola, imagem embaçada.
SONORA: ENTREVISTADA 10 - PSICÓLOGA	São vários prejuízos, né? E que atingem várias áreas do desenvolvimento dessa criança. Desde o social. O emocional, psicológico, também traz prejuízos na área da educação e da saúde. Psicologicamente, essa criança vai ter uma predisposição para ter uma ansiedade, uma depressão, um isolamento. Ela também vai adquirir uma insegurança, medo. Na escola também vai refletir com prejuízos no rendimento escolar. A falta de concentração. Também uma perda da memória. A procrastinação, ela vai ter dificuldade para fazer as atividades. Vai começar algo e não vai concluir.	Entrevista com Entrevistada 10.
OFF: REPÓRTER 1	<p>Para proteger as crianças que presenciam a violência e em muitos casos são usadas como iscas pelos agressores que aproveitam as visitas para agredir as ex-companheiras, a legislação brasileira tem avançado.</p> <p>A lei 14. 1713 de 2023 proíbe a guarda compartilhada de filhos nos casos em que é constatado o risco de violência doméstica</p>	<p>Crianças interagindo. Mãos de uma criança. Urso de pelúcia e crianças brincando em segundo plano. Criança brinca com carrinho.</p> <p>O número 14.1713 aparece na tela. Crianças brincando no parque.</p>

	ou familiar.	
SONORA: ENTREVISTADA 11 - ADVOGADA	Recentemente a gente teve alteração da lei em relação à lei da guarda compartilhada, que em casos de violência doméstica ou suspeita de violência doméstica, a gente tem a impossibilidade de ter a guarda compartilhada. Então, obrigatoriamente, ela fica com a guarda unilateral, que é uma maneira de proteger a saúde da criança, tanto a saúde física, como a integridade também psicológica dela. De conviver com essas violências é um trauma muito grande.	Entrevista com Entrevistada 11.
OFF: REPÓRTER 1	<p>Suporte que dá alívio e força para mulheres romperem o ciclo da violência.</p> <p>Por medo, esta mulher prefere não se identificar.</p> <p>Ela foi agredida nos dois últimos relacionamentos. A mulher conta que tentava se reestabelecer de uma violência quando foi acolhida por um homem que jurou proteger. Mas depois fez o mesmo, ou até pior.</p>	<p>Mão feminina usando aliança.</p> <p>Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto.</p> <p>Mão segura caneta em formato de rosa.</p>
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	Ele foi ficando aos poucos violentos. As culpas, sempre eles colocam culpas de coisas que dão errado, ou na vida deles, ou na vida doméstica, no dia a dia, na rotina. Eles projetam a culpa toda na mulher. E isso	Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto. (Voz alterada por edição).

	<p>fragiliza muito a gente. Fragiliza, ataca a nossa autoestima, e ataca até a nossa percepção de si mesmo.</p>	
OFF: REPÓRTER 1	<p>Violência que sempre foi presenciada pelos filhos. As crianças não ficaram imunes aos impactos da exposição.</p>	<p>Simulação mostra mulher sendo agredida.</p>
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	<p>Essa agressão que foi a das capacetadas, aconteceu em frente à minha filha. Ela tinha oito anos de idade. Ela ficou de um lado da rua, e eu fui para o outro lado. Ela ficou na calçada, né? E eu fui no outro lado, e aí eu fui perguntar para ele. Eu falei, vem cá, por que você está me chamando desses nomes? E aí ele reagiu com violência. E aí me bateu, como eu já falei. Com capacetadas. Ela disse que na hora que começou a briga, ela disse que colocou a mão no rosto e não olhou mais. Só depois que eu estava caída no chão, que ele já tinha fugido, ela ficou do meu lado, ela não queria sair do meu lado de jeito nenhum.</p>	<p>Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto. (Voz alterada por edição).</p>
OFF: REPÓRTER 1	<p>E mãe é tudo igual. O maior desejo é sempre proteger os filhos. Romper com a violência? É um ato de coragem, de autodefesa e também de proteção para os filhos. Uma decisão difícil, mas necessária para que a mulher possa seguir seu caminho livre, independente e feliz. E mais que isso, dar a sua contribuição para um mundo livre de violência.</p>	<p>Mãe andando com filho no colo, imagem embaçada. Pessoas de mãos dadas. Caneta em formato de rosa.</p>

ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	A gente se sente assim, um pouco arrependida de não ter acabado esse ciclo antes, mas o mais importante é que quebrou o ciclo, né? Embora se você tiver demorado 5, 10 anos para quebrar o ciclo da violência, que no meu caso foi de 2017 até 2023. Que a pessoa não tenha medo de, quanto antes, buscar sair, quebrar esse ciclo de violência. Por que é importante a mulher quebrar esse ciclo de violência? Porque essa violência vai refletir no comportamento dos seus filhos, seus filhos vão normalizar a violência e as outras gerações também vão perpetuar essa violência.	Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto. (Voz alterada por edição).
MÚSICA ENCERRAMENTO:	DE Abafaram nossa voz, mas se esqueceram de que não estamos sós. Abafaram nossa voz, mas se esqueceram de que não estamos sós.	Cartaz escrito à mão com caneca em formato de rosa.

APÊNDICE D - Decupagem do Episódio 4 da série SOS Mulher

Título: SOS Mulher: violência acontece em todas as classes sociais

Nº do episódio: 04

Tema: SOS Mulher: violência acontece em todas as classes sociais

Duração: 12min05s

Data/hora de Transmissão: 07/03/2024 - 07:43

Imagens: Edson Lage, Gustavo Cavalcante, Jairo Silva

Produção: Carla Nascimento

Reportagem: Anielle Brandão

Edição de Texto: Aniele Teixeira

Edição de Imagens: Fernando Rodrigues e Arthur Martins

Entrevistados:

1. ENTREVISTADA 12 - ADVOGADA
2. ENTREVISTADA 13 - SEC. DA MULHER DE SÃO RAIMUNDO NONATO
3. ENTREVISTADA 14 - SOCIOLOGA
4. ENTREVISTADA 15 - ADVOGADA
5. ENTREVISTADA 16 - COORD. DO NÚCLEO DE DEFESA DA MULHER
6. ENTREVISTADA 17 - PSICÓLOGA CLÍNICA
7. ENTREVISTADA 18 - COORDENADORA DA CASA ABRIGO

DECUPAGEM DA MATÉRIA

DESCRIÇÃO	TEXTO	IMAGENS
SONORA: ENTREVISTADA 12 - ADVOGADA	Ele não aceitava eu trabalhar, ele não aceitava a minha independência, a minha profissão. Eu não podia ter nem um amigo.	Mãos entrelaçadas em preto e branco. Sombra de uma mulher põe as mãos no rosto. Entrevista com Entrevistada 12. Sombra de mulher andando na rua. Boca de uma mulher, em preto e branco.
OFF: REPÓRTER 3	Um ciclo de violência que atinge todas as idades, classes e etnias.	Olhos de uma mulher, em preto e branco.
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	Ele me enforcava, me batia, e aí queria proibir 'deu' trabalhar também.	Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto.

		(Voz alterada por edição).
SONORA: ENTREVISTADA 13 - SEC. DA MULHER DE SÃO RAIMUNDO NONATO	Ciúmes, as traições, a violência psicológica, o enforcamento, te empurrar na cama, até chegar... e agredir na frente das pessoas.	Entrevista com Entrevistada 13. Simulação de mulher sofrendo. Vídeos de mulheres sendo agredidas na rua.
OFF: REPÓRTER 3	Na maioria dos casos, a violência vem à tona no relacionamento após o agressor ganhar a confiança da vítima.	Imagens embaçadas em preto e branco de mulheres andando na rua. Simulação mostra mulher colocando prato na mesa.
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	A gente se engana, né? com as pessoas. A gente conhece um homem, a carência vai fazendo com o que a gente se apegue com a pessoa, aí por passar um tempo que ele vai mostrando de verdade quem ele é.	Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto. (Voz alterada por edição). Simulação mostra homem derrubando prato no chão.
SONORA: ENTREVISTADA 13- SEC. DA MULHER DE SÃO RAIMUNDO NONATO	Começou assim como todas, né? Com aquela conquista, a sedução, o poder do convencimento do parceiro. Mas, com o passar do tempo, começaram os ciúmes e eu desenvolvi um transtorno de dependência emocional.	Entrevista com Entrevistada 13.
OFF: REPÓRTER 3	Hoje, a Flávia se sente segura para falar sobre as agressões que sofreu por conta da morte do ex-companheiro e agressor. Na época, quando denunciou as agressões, a Lei Maria da Penha não existia. Um acordo na justiça separou o casal.	Imagens de Entrevistada 12 falando sem som.

<p>SONORA: ENTREVISTADA 12 - ADVOGADA</p>	<p>A Lei Maria da Penha, ela é uma lei muito jovem. Ela tá fazendo somente 17 aninhos. No meu casamento, foi uma barra pra separar. Meu pai também, muito machista, ele não aceitava. Nunca aceitou bem eu ser divorciada. Mas, enfim, eu tinha uma mãe maravilhosa, aguerrida, forte. Então, eu consegui me divorciar. Poucas pessoas apoiavam. Eu tive, inclusive, pessoas muito próximas, é até importante falar, que chegaram pra mim e disseram não separem, você consegue viver desse jeito.</p>	<p>Entrevista com Entrevistada 12.</p>
<p>OFF: REPÓRTER 3</p>	<p>A Ivana, quando foi agredida, já era formada e atuava como psicóloga.</p> <p>A Flávia estava finalizando o curso de Direito e em busca da carteira da OAB.</p> <p>Esta outra vítima estava desempregada. E vivendo com o que recebia do programa Bolsa Família.</p> <p>Qualquer mulher pode estar na mira de um agressor. Os números da pesquisa Mulheres, Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado mostram que há uma variação pequena entre os segmentos.</p> <p>A violência física atinge 19% das mulheres com curso superior ou mais, contra 25% das que têm só o ensino fundamental. No entanto, as formas de controle e o cerceamento</p>	<p>Imagens de Entrevistada 13, falando sem som.</p> <p>Imagens de Entrevistada 12, falando sem som.</p> <p>Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto.</p> <p>Imagens de mulheres andando na rua em preto e branco.</p> <p>O texto aparece escrito em um mural, na tela.</p>

	atingem 19% das mulheres com menor escolaridade e 27% das que possuem diploma superior. Já a violência psico-verbal é igual para todos, com 21%. E a sexual aponta uma diferença de 11% para quem tem ensino fundamental e 8% das diplomatas.	
SONORA: ENTREVISTADA 14 - SOCIÓLOGA	A violência contra a mulher e a violência doméstica acontece em todas as classes sociais, mas as mulheres de classe popular e as mulheres negras conforme os últimos estudos e pesquisas, elas têm apontado como mulheres que mais têm sofrido. Até porque são mulheres que estão mais vulneráveis, muitas vezes elas não conhecem o direito, muitas vezes elas não têm o dinheiro nem para chegar em uma delegacia ou em uma defensoria pública, para procurar um direito. E muitas vezes elas se tornam cada vez mais reféns do agressor.	Entrevista com Entrevistada 14.
OFF: REPÓRTER 3	A Lei Maria da Penha prevê cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial.	Simulação mostra mulheres andando na rua. Mulher sofrendo com medo do punho do marido. O texto aparece na tela.
SONORA: ENTREVISTADA 15 - ADVOGADA	A psicóloga, por muitas vezes ela pode achar que ali é um cuidado do seu companheiro ou companheira, estar controlando a sua roupa, a	Imagens de Entrevistada 15 abrindo um livro. Entrevista com Entrevistada 15.

	<p>sua maneira de vestir, a sua maneira de se portar. E às vezes a mulher tende a ficar doente mentalmente. E a violência patrimonial ela não é só aquela que rouba o teu dinheiro, ele subtrai os instrumentos de trabalho da mulher, ele dilapida o patrimônio do casal. Tem várias nuances, a violência patrimonial. E a moral são os crimes contra a honra, calúnia, difamação. Por muitas vezes aquele homem: Ah, traidora mulher da vida, atingindo assim a honra dessa mulher.</p>	
OFF: REPÓRTER 3	Uma alerta para o tipo invisível de agressão: a psicológica.	Simulação mostra mulher com medo.
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	Por conta das ameaças, das agressões, eu não tinha força para sair de dentro de casa, porque eu tinha medo de sair e ele me matar, né. Porque ele sempre dizia que se eu deixasse ele, ele me matava.	Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto. (Voz alterada por edição).
SONORA: ENTREVISTADA 17 - PSICÓLOGA CLÍNICA	Ela se dá, na maioria das vezes, de forma sutil. Não é fácil para uma mulher sair dessa relação, primeiro porque ela está presa nas projeções que ela fez acerca daquele parceiro, ela sempre acha que vai melhorar, que vai mudar, que ele não é assim, que ele está estressado, que ele está aborrecido, que a culpa foi dela. É muito fácil para quem está de fora dizer assim: “Ah, fulana gosta de apanhar”. Quando, na verdade, ela não consegue se	<p>Simulação mostra homem violentando mulher enquanto ela lava louça.</p> <p>Entrevista com Entrevistada 17.</p>

	dar conta do processo que ela está inserida.	
IMAGENS DE APOIO	<p>Janáína Bezerra é estuprada e morta em sala de aula na UFPI.</p> <p>Rogério Gomes de Sousa matou ex-companheira, Emily Moura, na frente de seu filho de seis meses.</p> <p>Mulher é violentada e tem casa queimada enquanto dormia.</p>	<p>Texto aparece na tela e em seguida vemos imagens de crimes envolvendo feminicídio.</p>
PASSAGEM: REPÓRTER 3	<p>A violência contra a mulher é mais comum do que se imagina e está presente aqui e em qualquer outra parte do planeta. Não conhece barreira geográfica, social ou econômica. E acontece nas mais diversas formas e intensidades. Assédio, exploração sexual, tortura, estupro, violência psicológica, agressões por parceiros ou familiares, perseguição, feminicídio. Não importa a idade, raça, etnia, religião ou cultura. Apesar das melhorias e avanços na lei Maria da Penha, a violência contra a mulher ainda está enraizada. E depende de muitas iniciativas para mudar essa realidade.</p>	<p>Repórter 3 aparece em uma praça, no centro da cidade.</p>
SONORA: ENTREVISTADA 15 - ADVOGADA	<p>Eu não digo só que seja. Um trabalho de governo. É um trabalho também da família. É um trabalho também de toda a sociedade. Nossa lei Maria da Penha é uma lei premiadíssima. O que falta realmente é acabar com essa discrepância do que está na lei e a capacidade de</p>	<p>Entrevista com Entrevistada 15.</p>

	<p>efetivação dessa lei. E conscientizar todas essas mulheres vítimas que elas não podem se calar. Que elas têm que denunciar. Porque a nossa vida é nosso bem maior.</p>	
OFF: REPÓRTER 3	<p>A Defensoria Pública do Piauí, através do Núcleo de Defesa da Mulher, atua desde 2004 na promoção dos direitos humanos das mulheres e meninas. Oferecendo assistência em todos os graus, de forma integral e gratuita.</p> <p>Entre as ações desenvolvidas na Defensoria, o trabalho preventivo através do projeto Defensoras Populares é um dos mais relevantes.</p>	<p>Imagens do prédio da Defensoria Pública do Estado do Piauí. Cabelo de uma mulher.</p> <p>Mãos e pés de uma mulher andando.</p> <p>Imagens da Entrevistada 16 falando, sem som.</p>
SONORA: ENTREVISTADA 16 - COORD. DO NÚCLEO DE DEFESA DA MULHER	<p>Mulheres da comunidade são capacitadas em noções de direito. E também acerca da rede existente, de atendimento, dos locais, das instituições do sistema de justiça, qual é o papel de cada um. Então a gente procura que aquela mulher saia com a noção do todo. E que ela possa servir como ponte dentro da comunidade dela para ajudar outras mulheres.</p>	<p>Entrevista com Entrevistada 16.</p>
OFF: REPÓRTER 3	<p>A rede de apoio às mulheres é ampla. Outra ferramenta de proteção é a Casa Abrigo, mantida pela SASC, a Secretaria Estadual de Assistência Social. A casa fica em local sigiloso. Para lá, são encaminhadas as</p>	<p>Imagens embaçadas de mulheres andando na rua.</p>

	mulheres que correm risco de morrer.	
SONORA: ENTREVISTADA 18 - COORDENADORA DA CASA ABRIGO	Algumas chegam sem nenhuma rede de apoio, certo? Sem família, sem emprego, muitas vezes sem o próprio benefício, né? Que é o Bolsa Família.	Entrevista com Entrevistada 18.
OFF: REPÓRTER 3	Esta mulher viveu um relacionamento abusivo e após denunciar, precisou da Casa Abrigo para sobreviver.	Imagem de entrevista com vítima que não quis se identificar.
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	Eu tinha conversado com a delegada, que eu não tinha pra onde ir, eu não tinha apoio, então eu estava com a filha pequena. E se eu não tivesse apoio, eu sempre ia me sujeitar a voltar de novo pra mesma situação. Eu não tava mais aguentando sofrer. E minha filha estava vendo aquilo tudo, ela também estava se tornando uma criança nervosa. Aí foi um dia que a delegada ajeitou e me mandou para a Casa Abrigo. E foi através de lá que eu criei força para mim seguir minha vida.	Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto. (Voz alterada por edição).
OFF: REPÓRTER 3	<p>Hoje, a mulher conta que as marcas emocionais ainda são fortes na criança. As duas ainda vivem escondidas. Tem contato com poucas pessoas.</p> <p>Um sentimento que, para a vítima, se assemelha à liberdade. Só pelo fato de estar longe do agressor.</p>	<p>Caneta em ambiente escuro, balanço em parque, casa de brinquedo.</p> <p>Flor laranja, céu com árvores.</p>
ENTREVISTA (VÍTIMA)	Eu tenho a paz que eu	Imagem embaçada não

NÃO QUIS IDENTIFICAR) SE	buscava. Eu tenho muita fé em Deus que um dia isso tudo vai ter fim.	permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto. (Voz alterada por edição).
OFF: REPÓRTER 3	No caso da Ivana, que optou por não denunciar o agressor, na época, o medo de sair de casa e do desfecho da própria história a travavam. Ela disse que a mãe foi o porto seguro que a sustentou quando decidiu quebrar o ciclo de violência.	Imagens de ligação com Entrevistada 13. Mãos, mulher na janela, mulher sendo perseguida em preto e branco.
SONORA: ENTREVISTADA 13 - SEC. DA MULHER DE SÃO RAIMUNDO NONATO	A fala da minha mãe foi crucial para que eu pudesse hoje estar aqui. Eu me senti autorizada a tomar a decisão de me afastar. Quando ela disse que na minha casa, na casa dos meus pais, eu poderia viver uma vida de paz. Porque ela percebia que eu estava em uma relação abusiva, apesar de eu não ficar contando. E quando cheguei em casa, me recordo como eu estava com vários sinais e sintomas de um transtorno de ansiedade generalizada. Onde a sombra me assustava. Porque eu vivia em alerta, com medo a todo momento do que pudesse acontecer.	Entrevista com Entrevistada 13.
OFF: REPÓRTER 3	Atualmente, gestora de mulheres em São Raimundo Nonato, no sul do Piauí, a Ivana usa o que vivenciou como exemplo e trabalha para salvar outras mulheres através da luta por mais políticas públicas de prevenção e proteção.	Imagens da cidade de São Raimundo Nonato, pé de mulheres andando, mulheres andando na rua com imagem embaçada.

SONORA: ENTREVISTADA 13 - SEC. DA MULHER DE SÃO RAIMUNDO NONATO	Priorizem. Nós somos, nós da minha geração, das gerações passadas e ainda hoje, somos muito impostas a esse lugar. De cuidado, de salvar o outro, de cuidar do outro e de consertar o outro. A gente não é centro de reabilitação.	Entrevista com Entrevistada 13.
OFF: REPÓRTER 3	<p>As mulheres que participaram desta reportagem sobreviveram às agressões e quebraram o ciclo de violência.</p> <p>Elas resignificaram a dor e o sofrimento para alertar outras mulheres que estão presas em relacionamentos abusivos e reforçam que quando a violência termina, a vida recomeça.</p>	<p>Imagens da vítima que não quis se identificar, e das Entrevistadas 12 e 13.</p> <p>Uma mão toca uma flor branca em jardim.</p>
ENTREVISTA (VÍTIMA NÃO QUIS SE IDENTIFICAR)	Eu orava muito para Deus nunca deixar eu desistir e para mim, nunca voltar ao passado, nunca voltar atrás. Eu sei que não é fácil, né? Mas a gente tem que ter força e dizer, eu posso, eu consigo. Eu consegui.	Imagem embaçada não permite identificar a mulher que está dando entrevista, fundo escuro, quase preto. (Voz alterada por edição).
	Eu aconselho todo mundo que precisar a buscar realmente a sua liberdade. Porque ninguém merece viver uma vida de violência.	Entrevista com Entrevistada 12.
SONORA: ENTREVISTADA 13 - SEC. DA MULHER DE SÃO RAIMUNDO NONATO	Denuncie. Que não tenham vergonha de denunciar. Nós não somos culpados pelo que vivemos. Nós não somos culpados por estar numa relação abusiva, por viver a violência. Nós não	Entrevista com Entrevistada 13.

	somos responsáveis por isso.	
--	------------------------------	--

APÊNDICE E - Decupagem do Episódio 5 da série SOS Mulher

Título: SOS Mulher: os caminhos para sair da violência

Nº do episódio: 05

Tema: SOS Mulher: os caminhos para sair da violência

Duração: 07min55s

Data/hora de Transmissão: 08/03/2024 - 06:28

Imagens: Edson Lages e Gustavo Cavalcante

Produção: Kamila Saraiva

Reportagem: Ângela Bispo

Edição de Texto: Aniele Teixeira

Edição de Imagens: Gedeon Ramiro

Entrevistados:

1. ENTREVISTADA 19 - ASSISTENTE SOCIAL
2. ENTREVISTADA 20 - DELEGADA
3. ENTREVISTADA 21 - CORONEL DA POLÍCIA MILITAR
4. ENTREVISTADA 22 - SEC. ADJ. DA COMISSÃO DA MULHER - OAB/PI

DECUPAGEM DA MATÉRIA

DESCRIÇÃO	TEXTO	IMAGENS
SONORA: ENTREVISTADA 19 - ASSISTENTE SOCIAL	Aqui é a Cristiane Oliveira Silva Gouveia. O fundo da minha casa não é avenida, o fundo da minha casa é uma rua. Então assim, ele veio na minha quadra e demorou um tempo e depois saiu. Então assim, pode ter tido algumas coincidências já, mas a maioria não foi, quero deixar bem claro.	Áudio da Entrevistada 19 aparece na tela.
OFF: REPÓRTER 2	Essa mensagem foi enviada para a equipe de plantão da Patrulha Maria da Penha, aqui em Teresina, por esta mulher, que foi vítima de violência doméstica.	Imagem da viatura da Patrulha Maria da Penha. Imagem da Entrevistada 19 falando, sem som.
SONORA: ENTREVISTADA 19 - ASSISTENTE SOCIAL	Você fica acreditando que de repente pode melhorar, que, sei lá, ele vai cair em si, vai ver que realmente eu não sou isso, né? Mas é preciso que a física comece a acontecer para você entender que não está certo, que algo precisa ser feito.	Entrevista com Entrevistada 19.
OFF: REPÓRTER 2	Hoje, ela carrega no rosto	Imagens da entrevista com

	<p>uma expressão de confiança para recomendar, mas não foi fácil resgatar esse sentimento. Ela fez da dor e do sofrimento combustível para lutar, voltar a viver sem medo e ainda ajudar outras mulheres. Mas chegar até aqui exigiu coragem.</p> <p>Depois da primeira agressão física, o porto seguro para Cristiane foi a polícia. Ela estava com a filha pequena nos braços e clamava por socorro. Temia pela própria vida.</p>	<p>Entrevistada 19. Mãos da entrevistada.</p> <p>Simulação mostra mulher jogada ao chão, após ser agredida.</p>
PASSAGEM: REPÓRTER 2	<p>Para que a mulher consiga sair da situação de violência doméstica, ela precisa seguir alguns passos. É como se ela percorresse uma maratona, com alguns obstáculos pelo caminho, mas que serão vencidos. O primeiro deles vem a partir de um dado que chama muito a atenção aqui no estado do Piauí.</p> <p>De acordo com a Polícia Militar aqui do nosso estado, em 2023, 3.413 ocorrências de violência doméstica foram registradas. E isso só aconteceu a partir da denúncia. A mulher que procurou a polícia para registrar essa ocorrência, depois que ela diagnosticou o tipo de violência que sofria. A partir daí, segue outro passo muito importante na busca por essa liberdade. Essa mulher passa a ser assistida pela lei.</p> <p>A lei Maria da Penha</p>	<p>Repórter 2 amarra seu tênis e caminha em uma pista de corrida.</p> <p>Dados aparecem na tela.</p>

	estabelece que toda e qualquer violência doméstica, intrafamiliar, é crime e precisa ser acompanhada através de inquérito policial. A partir daí, a mulher então já tem o resguardo da justiça e precisa agora encontrar uma rede de apoio. E ela encontra aqui no estado com múltiplos órgãos que se juntam para dar apoio psicológico, também para orientar essa mulher ao longo dessa busca por liberdade. A partir daí, ela consegue já visualizar a linha de chegada. É lá que ela visualiza a esperança de voltar a ser uma mulher livre e uma mulher segura de si.	Palavras aparecem na tela na tela.
OFF: REPÓRTER 2	Segundo dados da Secretaria de Segurança, em 2023 foram 28 casos de feminicídio. Um deles marcou a carreira desta delegada.	Imagens da Secretaria de Segurança Pública do Piauí. Texto aparece na tela com dados. Imagens de matérias falando sobre feminicídio. Imagens da Entrevistada 20.
SONORA: ENTREVISTADA 20 - DELEGADA	Sem dúvida nenhuma foi o caso da estudante da UFPI. É feminicídio, não porque eles viviam no contexto de violência, não foi uma violência doméstica familiar. Foi na outra forma que o feminicídio pode se apresentar, que é justamente a mulher sendo vista como objeto. E para mim aqui ficou muito	Foto de vítima de feminicídio com mancha de sangue. Imagens da Universidade Federal do Piauí na época do crime. Manifestações, vela, mulher chora ao abraçar outra. Entrevista com Entrevistada

	<p>claro o quanto nós mulheres ainda estamos vulneráveis, o quanto nós mulheres ainda somos vistas como objeto. Então, na verdade, todos os casos, porque eu lido justamente uma unidade em que morre uma mulher pelo fato de ser mulher, então é duro. Mas esse em especial me chocou. Até mesmo, pela situação onde aconteceu e, de fato, ainda estamos muito vulneráveis. Então, nossa legislação ainda tem que evoluir muito para que, de fato, nós mulheres possamos nos sentir seguras.</p>	20.
OFF: REPÓRTER 2	Ela destaca que o feminicídio é o ápice da violência e o agressor dá sinais que vai praticar.	Imagens da Entrevistada 20. Simulação de mulher sendo agredida.
SONORA: ENTREVISTADA 20 - DELEGADA	Não começa no feminicídio, seja tentado ou consumado. Essa mulher foi vítima de diversas formas de violência no contexto da violência doméstica familiar.	Entrevista com Entrevistada 20.
OFF: REPÓRTER 2	Nesse caminho, muitas vezes cheio de espinhos, a mulher vítima de violência doméstica encontra um refúgio resguardada pela lei Maria da Penha.	Imagens de mulheres andando, mãos, simulação de mulher com medo. Viatura da patrulha Maria da Penha soando a sirene. Policiais vão atender chamado.
SONORA: ENTREVISTADA 21 - CORONEL DA POLÍCIA MILITAR	Quando nós fazemos um atendimento, uma solicitação, chega uma solicitação para a polícia militar de que ali está tendo uma ocorrência e que a polícia chega e identifica que é uma violência	Entrevista com Entrevistada 21.

	doméstica, ela passa essa informação para essa mulher, de que ali ela está sofrendo uma violência, que existe a lei Maria da Penha para atender aqueles casos. E aí essa mulher mais informada, ela busca essa ajuda através da denúncia.	
OFF: REPÓRTER 2	Esse instrumento jurídico salva vidas em todo o Estado e propicia outros mecanismos que ajudam a mulher vítima a viver com menos receios e temores, como acontece com a Cristiane até hoje.	Imagem de banner CPCOM - Coordenadoria de Prevenção e Enfrentamento à Violência Doméstica. Mulher passa batom na frente do espelho.
SONORA: ENTREVISTADA 19 - ASSISTENTE SOCIAL	Eu usei o botão do pânico. Um dispositivo que ele me dava o sinal sonoro e também ele vibrava ali, né, que nem um celular. E eu usava ele no bolso, que era para realmente eu sentir e ele me dava aquele sinal. Assim que uma agressão entrava na minha área, eu era avisada e ali eu pedia ajuda, eu me escondia. Durante um ano eu fiquei com esse aparelho.	Entrevista com Entrevistada 19.
SONORA:ENTREVISTADA 21 - CORONEL DA POLÍCIA MILITAR	Nós estamos capacitando os policiais desde o ano passado, fazendo com que aquele policial lá do GPM, ele leve a orientação para essa mulher, quando for atender uma ocorrência, dizer para ela que ali trata-se de uma violência doméstica. Porque muitas delas não conseguem identificar, pela naturalização que essa violência vem ao longo da história, né?.	Entrevista com Entrevistada 21.

OFF: REPÓRTER 2	<p>E toda essa trajetória é percorrida com o apoio de muitos parceiros.</p> <p>São ONGs, entidades, instituições e órgãos, que juntos formam uma rede de apoio que assegura à mulher vítima violência doméstica um gás a mais para continuar na luta pelo direito de ser mulher e livre.</p>	<p>Policiais mulheres se preparam para ir atender um chamado.</p> <p>Imagem do prédio da Coordenadoria de Estado de Políticas para Mulheres. Prédio da Secretaria de Segurança Pública do Piauí. Mulher digitando em teclado. Mulher se maquiando na frente do espelho.</p>
SONORA: ENTREVISTADA 22 - SEC. ADJ. DA COMISSÃO DA MULHER - OAB/PI	<p>A partir do momento que ela vai fazer essa denúncia, ela já está começando a se sentir mais segura contra essa violência.</p> <p>Então assim, a lei Maria da Penha, quando ela foi criada, ela tentava exatamente coibir essa violência. E a medida protetiva foi o meio principal que a mulher teve de poder, combater essa violência. Seja ela psicológica, violência social, física, a mulher sempre tem que buscar um meio. E a OAB, hoje, enquanto comissão, nós buscamos sempre estar esclarecendo como a mulher vai chegar a pedir essa medida.</p>	Entrevista com Entrevistada 22.
SONORA: ENTREVISTADA 19 - ASSISTENTE SOCIAL	<p>Eu sou feliz agora. Eu posso dizer em todo lugar, para qualquer pessoa que seja, hoje eu me considero feliz. Porque é como se eu tivesse tirado um peso das minhas costas.</p>	Entrevista com Entrevistada 19.

PERGUNTA: REPÓRTER 2	Agora você tem a oportunidade de deixar uma mensagem para essas mulheres. Até aquelas que vivem a situação da violência, mas ainda não conseguiram identificar que tipo de violência elas sofrem. O que você diria?	Repórter 2 conversa com Entrevistada 19.
SONORA: ENTREVISTADA 19 - ASSISTENTE SOCIAL	Coragem. Muita coragem e persistência. Nós não somos obrigadas a viver dentro de um relacionamento abusivo ou algo que te maltrate. Isso não é considerado amor.	Entrevista com Entrevistada 19. Mulher pegando em flor em um jardim.